

Tiago R. da Silva

**SOBRE O IMPRESSO E O DIGITAL:
ANALISANDO OS LIVROS, AS LEITURAS E OS IMPACTOS
SOCIAIS DAS NOVAS TÉCNICAS E TECNOLOGIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.Dr. Jacques Mick

**Florianópolis
2014**

da Silva, Tiago Roberto
SOBRE O IMPRESSO E O DIGITAL : ANALISANDO OS LIVROS, AS
LEITURAS E OS IMPACTOS SOCIAIS DAS NOVAS TÉCNICAS E
TECNOLOGIAS / Tiago Roberto da Silva ; orientador, Jacques
Mick - Florianópolis, SC, 2014.
83 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. livro digital. 3. livro
impresso. 4. impactos sociais. 5. tecnologia. I. Mick,
Jacques . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Tiago R. da Silva

**SOBRE O LIVRO IMPRESSO E O DIGITAL:
ANALISANDO OS LIVROS, AS LEITURAS E OS IMPACTOS
SOCIAIS DAS NOVAS TÉCNICAS E TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, aprovado em ___/___/___ pela banca composta pelos seguintes membros:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jacques Mick (Orientador)
UFSC

Prof. Dr. Alexandre Bergamo
UFSC

Prof. Dr. Itamar Aguiar
UFSC



Dedico este trabalho
a coexistência dos livros impressos e digitais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a paciência do meu orientador Jacques Mick e a oportunidade de poder concluir o curso de Ciências Sociais na UFSC, realizado com muito esforço e ajuda de minha família, pai, mãe e Nayara, e de meus amigos e parceiros como professor Fernando Ponte e demais colegas do CFH com quem pude contar durante a graduação.

“As coisas (...) são o verdadeiro centro do mundo social.”

Bruno Latour

RESUMO

Este trabalho busca analisar a coexistência dos formatos impressos e digitais na atualidade, principalmente dos livros e das leituras nestes formatos, relacionando com os conceitos de novas técnicas e tecnologias nas sociedades. Para isso estudamos, através de pesquisas bibliográficas, a história do impresso e do digital e suas visões contemporâneas, e realizamos uma pesquisa exploratória com estudantes de ensino superior, buscando analisar as escolhas dos formatos no mundo universitário. O trabalho trata das noções do digital - a internet, o livro digital, o comércio eletrônico e as novas técnicas/tecnologias - e também das noções do impresso - história dos livros, técnicas de leitura, novas livrarias e a contemporaneidade do impresso -, além de diversos outros conceitos sobre os impactos sociais das novas técnicas e tecnologias. A etapa exploratória da pesquisa foi feita com questionários online direcionados para universitários formandos ou já formados em universidades da região de Florianópolis e Joinville, como UFSC e Univille, por se considerar que na universidade se tem variadas experiências com livros e leituras, então um campo viável para se explorar informações sobre esse tema. Teoricamente o trabalho tem como guia conceitos de autores como Roger Chartier e Jean-Yves Mollier em suas análises mais históricas sobre os livros e as leituras, e Manuel Castells, Pierre Levy, Chris Anderson, entre outros, que analisam as sociedades atuais e a influência do meio digital e da internet nos dias de hoje.

Palavras- chave: livro digital, livro impresso, sociologia, tecnologia, técnica, internet, impactos sociais

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the coexistence of print and digital formats today, mainly of books and reading in these formats, relating to the concepts of new techniques and technologies in societies. For this study, through literature searches, the history of printed and digital and their contemporary views, and conducted an exploratory study with students in higher education, trying to analyze the choices of formats in the university world. The work deals with the notions of digital - the internet, the digital book, e-commerce and new techniques / technologies - and also the notions of print - history of books, reading techniques, new bookstores and contemporary printed - in addition several other concepts on the social impacts of new techniques and technologies. The exploratory stage of the research was done with online questionnaires addressed to university graduates or have graduated from universities in the region of Florianópolis and Joinville, as UFSC and Univille, on the grounds that the university has varied experiences with books and reading, then a viable field to explore information on this topic. Theoretically the study is to guide concepts of authors such as Roger Chartier and Jean-Yves Mollier in its most historical analyzes on the books and readings, and Manuel Castells, Pierre Levy, Chris Anderson, among others, to analyze the current societies and the influence of digital media and the internet these days.

Keywords: ebook, book, internet, digital life, social changes.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Infográfico global sobre Internet, Redes Sociais e Dispositivos Mobile.....	23
Figura 2- Infográfico por áreas sobre Internet, Redes Sociais e Dispositivos Móveis.....	24
Figura 3- Uso Global da Internet e População de 2012.....	25
Figura 4 - Gráfico da Cauda Longa	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tabela de publicação dos livros por ano nos países (2012).....	15
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - História do impresso	4
“Do Livro à Leitura”	5
“Cultura Midiática e Cultura de Massa”	10
O livro impresso atualmente	14
CAPÍTULO II - História do digital	19
“Sociedade em Rede”	26
“Cibercultura”	31
O livro eletrônico atualmente.....	33
CAPÍTULO III - Survey sobre livros impressos e livros digitais...42	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

Desde as escritas nas cavernas da antiguidade, dos papiros egípcios no sec. II a.C., do pergaminho da Ásia na Idade Média, do papel chinês, do códice feito em madeira, e todas as variantes até conhecermos o papel e o livro impresso dos dias de hoje, percebemos que existem muitas histórias diferentes dentro da história do livro. Cada tempo e espaço demonstraram atuar com suas peculiaridades em relação às suas tecnologias, e com o livro não foi diferente. Esse formato impresso (ocidental) que conhecemos hoje em dia foi idealizado na Idade Moderna em torno dos anos 1600, em época de avanços científicos, e foi se desenvolvendo cada vez mais conforme surgiam novas ideias da época, como as máquinas de impressão, tipografias e mídias. Deste modo a história do livro ocidental, e consequentemente da leitura, apresenta diversas inovações técnicas e tecnológicas que permitiram novos modos de conservação dos livros, do acesso a leitura e informação, da facilidade de manuseá-lo e de produzi-lo. No 1º capítulo abordaremos a história do livro e da leitura com autores como Roger Chartier e Jean-Yves Mollier, que nos mostram as dinâmicas sociais por trás dos impressos na vida social da Europa Moderna.

Mas o que difere um livro antigo de um livro dos dias atuais? Em uma visão enciclopédica podemos analisar o livro como um produto “intelectual” que passa conhecimento ou expressões individuais/coletivas através das leituras. Podemos defini-los por terem conteúdos transformados em livro cuja tarefa é do autor. A função da impressão dos livros passa pelas mãos do editor/editora. A função de organização/indexação de livros geralmente se dá pelo bibliotecário. Por último a função do livreiro/livraria é da distribuição dos livros para o público, sendo o público o consumidor, demonstrando assim um ciclo tradicional de produção/circulação de livros. A partir do século XX, com a ascensão das tecnologias de informática e a popularização da rede online da internet, foram surgindo novos modos de criar/ler/distribuir livros, modificando essa tradicional forma de produção citada acima. As tecnologias como computadores, tablets e celulares, com suas conectividades online na internet, impactaram diversos setores da sociedade. Desse modo os livros digitais¹ nasceram em um cenário onde os livros impressos ainda atuam com muita força, porém com o passar do tempo já demonstraram dividir os espaços. Nesse sentido os formatos

¹ Livro eletrônico = Livro digital = e-book = ebook.

de livros estão vivendo juntos, muitas vezes se complementando e se integrando, mas em outros momentos competindo e rivalizando. No capítulo 2 veremos mais detalhes do que é o digital e a internet, da história do meio digital e a sua influência no mundo impresso, e também os impactos nas sociedades atuais.

Afinal, qual a diferença entre um livro impresso e um livro eletrônico? Será que o livro digital representa o futuro? Será que o livro impresso irá ficar no passado? Ou sempre haverá os dois? É entre essas questões que esse trabalho se propõe a estudar a coexistência/correlação dos formatos na atualidade, tomando como hipótese inicial, já que não há indícios rígidos² de que o digital irá se prevalecer sob o impresso ou vice versa. Para isso buscou-se analisar os dois formatos e as escolhas pelos formatos, fazendo uma pesquisa exploratória com questionários direcionados a estudantes de ensino superior, campo que foi escolhido pela experiência da graduação que sugere livros e leituras a todo o momento. Além disso, através da vivência acadêmica também foi percebido que o impresso, a biblioteca e a livraria acabaram por dividir espaço com o digital. Desse modo a pesquisa traz fatores para se pensar a coexistência dos formatos, além de apresentar detalhes sobre os impactos das novas tecnologias e novas técnicas tanto no meio acadêmico quanto na sociedade.

No capítulo 3 são apresentados os processos, dados, resultados e análises dos questionários aplicados dentro de universidades da região de Florianópolis e Joinville como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade da Região de Joinville (Univille).

Por fim é feita uma análise conclusiva apresentando as ideias gerais do trabalho e relacionando com os conceitos de tecnologia e técnica, pois são fenômenos que permeiam nossa pesquisa desde as transformações na época moderna, até as revoluções tecnológicas dos dias de hoje.

² Como por exemplo se pensarmos os formatos como complementares, como um livro impresso ou um livro digital, ou a leitura de um jornal impresso ou a versão digital online do jornal, entre outras situações em que encontramos tanto uma versão impressa quanto uma digital.

CAPÍTULO I - História do Impresso

No decorrer da história, diversas revoluções tecnológicas marcaram suas épocas. Desde a antiguidade, diferentes formas foram usadas para registrar as experiências e conhecimentos a fim de aprimorá-los ou preservá-los como livros.

Os sumérios guardavam suas informações em tijolos de barro. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. (PAULINO, S. 2009)

Na época egípcia foi desenvolvido o papiro, com a planta que se encontrava as margens do rio Nilo, e que servia como superfície de escrita hieróglifa. Em seguida surgiu o pergaminho, que era feito com lã de animais, e permitia manuscritos maiores e em maior quantidade do que no papiro. Surgiu então o códex (códice), que eram feitos em madeira com papiro, e tinham o formato já muito parecido com o de um livro conhecido atualmente.

Na época grega e romana, Denipoti aponta:

O fenômeno da criação de bibliotecas, contudo, não criara ao seu redor, nem na Grécia, nem em Roma, um universo de leitores. Em Atenas, segundo Aristóteles, apesar da circulação limitada de livros, a maioria dos atenienses, ainda que alfabetizada rudimentarmente, só se utilizava desse conhecimento para os negócios e para a administração do patrimônio e para a política (CANFORA apud DENIPOTI, 1989a, 930).

Nesse período, esses manuscritos eram vistos como especiais e não populares, pelo fato de possuírem peças únicas, e terem um caráter artesanal, feito página por página manualmente. A partir do século XV, surgem às máquinas e impressões, e o livro (tradicional) começou a ser esboçado. Uma das primeiras produções modernas foi a Bíblia de Gutenberg, a B-42. Mais adiante, nos séculos XVI-XVII marca-se o surgimento da imprensa, que passa a circular em diversas regiões

materiais impressos de vários tipos, popularizando de fato o impresso e a leitura no ocidente, como veremos adiante com detalhes.

1.1 - “Do Livro à Leitura”

Roger Chartier aborda em sua obra a cultura dos livros e leitura como práticas sociais. O livro (moderno) é a peça chave de seu texto “Do livro à leitura - As práticas urbanas do impresso (1660-1780)”. Nele, apresenta-se um apanhado histórico demonstrando as várias práticas do impresso na Europa.

O autor mostra que naquela época a leitura estava se popularizando, sobretudo dos mais humildes, logo, a prática de leitura dos impressos era como um ritual. Não se lia forçosamente um material, mas por decifrar, cada um à sua maneira, todos os materiais impressos, religiosos ou profanos, de sua propriedade ou distribuídos na cidade, na sua leitura privada ou em espaços coletivos. Explorar a leitura era uma experiência do dia-a-dia, algo novo. Os impressos levavam pessoas a se socializar e participar do meio urbano, através de ritos em conjunto e em voz alta, geralmente em praças públicas, bibliotecas ou em gabinetes, lugares onde também se faziam trocas e empréstimos de livros.

Os costumes com os livros na França daquela época variavam bastante de região para região. Cada lugar desenvolvia diferentes livros e leitores. Chartier mostra que Paris e suas cidades vizinhas tinham bastante contraste “intelectual”. Na capital, comparada com outras cidades do Oeste, menos de um quarto dos cidadãos era possuidor de livros, enquanto mais de um terço dos bretões o era. Assim, Chartier se indaga:

Será isso o traço de uma prática notarial mais negligente, ignorando os livros menos importantes, de devoção ou de utilidade, pelo próprio fato de sua abundância sem valor? Devem-se incriminar os hábitos desenvolvidos de uma população mais familiar com o livro e que, não presta nenhuma atenção à sua conservação ou classificação? Ou será que devemos concluir, que, para a massa dos parisienses, a cultura do impresso não é a do livro possuído, mas do panfleto logo jogado fora, do painel nas ruas, dos livros de mão em mão. (Chartier, 1998)

Uma cidade com menos livros que a outra não significava menos leitura. Os parisienses tinham menos livros, porém utilizavam dos impressos em geral como uma forma de leitura rotineira. Panfletos, folhetim, jornal e outros impressos serviam de muitas leituras diárias. Chartier fez análises da França dos meados do século XVII, época de evoluções demográficas, fluxos de economias de mercado e aumento da alfabetização, demonstrando que o livro passou a ser algo mais circulável do que nas épocas antigas, onde era mais restrito posses religiosas ou de poder. A partir de então, são também os escritores, advogados, professores, oficiais e diversos outros setores da sociedade que dispunham de novos livros e leituras. Em contrapartida, nas classes mais baixas são muito poucos os possuidores, tendo que em muitas vezes depender das práticas públicas para ter uma experiência com leituras. Principalmente por naquela época a posse de livros estar muito atrelada à herança, e diversas bibliotecas eram privadas.

Mas com o crescimento e popularização das bibliotecas e das leituras impressas, vários aspectos foram surgindo em meio à posse de livros. Com o preço mais acessível, diversas famílias buscavam criar suas próprias bibliotecas particulares. Como o livro precisa de um lugar para se colocar, logo, aumentaram também os números de criações de estantes para livros. Chartier destaca que os móveis também fazem parte da história do livro e das bibliotecas. O autor aponta que a estante é o móvel mais tradicional para se montar uma biblioteca particular, que pode ser um armário encontrado em algum cômodo da casa que sirva para expor seus livros. A arrumação do livro dentro de casa destacava diversas preocupações da época: como a organização e conservação do livro (a maioria dos livros não era encadernada e não eram brochuras, então demandavam cuidado). A função da biblioteca é decorativa e distintiva, que “entre os mais abastados, (...) o móvel de arrumação deve provar o bom gosto, (...) e respeitar o estilo em moda”, destacando a importância da biblioteca no status.

Os impressos então acabam por levar urbanização, acessibilidade na cidade, e caráter intelectual e civil, além da democratização da informação e da leitura de diferentes áreas do conhecimento. Nesse crescimento das bibliotecas, havia as diferenças entre as bibliotecas públicas e privadas. Percebia-se muito a influência da elite na posse dos livros (e também das bibliotecas), principalmente pelas grandes heranças de acervos que famílias recebiam. Outras bibliotecas surgem em meios alternativos, com destaque popular para as literaturas de

cordel na Espanha e em Portugal, os chapbooks (pequenos livros comercializados por vendedores ambulantes) na Inglaterra e a Biblioteca Azul (acervo que circulava em regiões remotas) na França. Essas práticas geralmente se diferenciavam pelo caráter social da posse dos livros. Como Chartier destaca: “(...) o livro lido nem sempre é um livro que requer a posse dele”. Quando lido para o público, colocado em uma biblioteca, emprestado, e deixado em lugares abertos para a consulta, proliferaram-se o livro e a leitura.

O empréstimo é algo relacionado à história do livro também. É um costume tão antigo quanto o livro. Chartier exemplifica mostrando que antigamente muitos oficiais e comerciantes franceses compravam e trocavam diversos livros, novos ou usados, e sua ânsia de conhecer outros livros fazia com que emprestassem também. Essa socialização demonstrava uma parcela de circulação de livros que não pertencia necessariamente ao mercado e nem a posse particular de livros.

Diversas das primeiras bibliotecas “públicas” na Europa foram feitas com coleções doadas (ou compradas) para disposição pública. 1) A abertura ao público das grandes coleções religiosas. 2) Abertura dos estoques dos grandes colecionadores. 3) Abertura da biblioteca do rei (França). Essas aberturas das bibliotecas, por mais que fossem públicas, acabavam ainda sendo mais utilizadas por camadas sociais mais elitizadas, como profissionais, acadêmicos, cientistas, etc. Os horários curtos para a visita do público, a carga horária dos trabalhadores e questões de (an)alfabetização também dificultavam na utilização das bibliotecas públicas pelos menos elitizados.

Em meio ao crescimento das bibliotecas e das práticas de leitura, outras formas públicas foram surgindo para relacionar o livro com o povo. Os gabinetes de leitura foram um exemplo. Eram livrarias particulares abertas ao público. Alguns livreiros liberavam suas bibliotecas para empréstimos ou assinaturas, e seus estabelecimentos viravam centro de leituras. Foram inúmeros os livreiros que montavam um “gabinete literário” onde é possível inscrever-se para ir fazer leituras. As vantagens desses gabinetes eram que os livreiros continuavam com suas peças no acervo, e os leitores podiam ler diversas opções sem comprar, apenas com uma assinatura.

Na difusão dos gabinetes de leitura, também se popularizaram as sociedades literárias, que eram grupos semelhantes aos de gabinete, porém tinham a ideia da leitura grátis (ou até mesmo por assinatura, mas em um preço bem acessível). Essas sociedades compravam livros e jornais, e deixavam a disposição do povo para leituras em grupo ou particular. Isso mostrava uma reação contra o exclusivismo do livro e da

leitura elitizada, além de trazer outro modo de se fazer leituras, com conversas:

“Cada (leitor) ao entrar na sala, pega o livro que acha apropriado. Se, no decorrer de sua leitura, ele encontra algum assunto que seja digno de ser observado, ele comunica a seus confrades. As leituras se transformam em conversação geral.” (*La france societe* APUD Chartier, 1998, pg. 20)

O anúncio de criação da sociedade literária em Mortain destacava:

“Formou-se nesta cidade uma sociedade com 25 cidadãos. Eles estabelecem uma biblioteca onde se encontram não apenas as obras mais importantes, tanto antigas como modernas, mas também os jornais, as gazetas, etc. Ela é aberta gratuitamente para as pessoas.” (Chartier, 1998, pg. 20)

Os serviços de assinaturas, por mais viáveis que fossem, requeriam pagamentos e tempos que não eram viáveis a todos. Para os mais “desprovidos”, havia diversos livreiros que se preocupavam em alugar seus livros, seja por mês, por dia ou por hora, ou pechinchas/trocas. Esses locadores de livros abriam pequenos salões, com tarifas muito baratas, servindo a leitura da forma que dava. “Para os que não têm livros ou têm-nos poucos, por três centavos por dia o livro pode estender o horizonte do sonho ou do prazer”, destacava o livreiro. (CHARTIER, 1998, pg. 21)

Chartier mostra que a leitura feita de modo íntima/sozinha apesar de não ser exclusiva da época, começou a se popularizar já na França antiga. O homem encontrava no livro um signo de saber e poder, e mantinha uma relação séria com isso. Esse estilo de leitura mais privado foi se fortalecendo com os ideais da Revolução Francesa e Iluminismo, do individualismo e da razão. Nessa época, a leitura falada fazia um papel importante na sociabilização e esfera pública, ou seja, os não letrados contavam com a leitura pela fala mediadora e esse fenômeno tinha um papel fundamental nos ensinamentos do campo por exemplo. A leitura em voz alta explica os mandamentos da religião e as leis da moral, e é ampliada para todos. De certa forma, a leitura em voz alta

também se encontrava nas igrejas e universidades. Mas a leitura erudita se diferenciava pelo rigor e concentração.

O aumento das bibliotecas distribuídas pela cidade; o acesso às coleções públicas; o uso do livro alugado; as circulações dos impressos pela imprensa; mostravam uma circulação maior do impresso, trazendo novas práticas sociais em torno do livro e da leitura. Junto a essa civilização, práticas mais críticas em relação ao governo também surgem em meio à popularização dos impressos e das informações contidas neles. Não somente a imprensa, o Estado e a Igreja utilizavam dos impressos para circular suas ideias, mas o povo também muitas vezes montava cartazes e livretos com intuito de protestar por melhorias. Chartier mostra que a escassez de alimentos atraía cartazes pela cidade demonstrando acusações contra o governo. Textos bem ou mal escritos anunciavam que os governantes provocavam a fome do povo. Os conflitos religiosos também faziam surgir impressos com anúncios ferozes sobre seus dogmas. A sociedade atuava junto aos impressos.

Um caso histórico que aconteceu na Inglaterra no ano de 1775-1776 foi o “Common Sense” (Senso Comum), chamado de o “mais popular panfleto da era revolucionária”. Esse panfleto foi publicado anonimamente na época da Revolução Americana. Nesse panfleto anônimo cujo título era “Senso Comum”, continham 48 páginas que inspiravam as pessoas das “Treze Colônias” a declarar guerra por independência contra a Inglaterra. Havia tópicos que contestavam as administrações britânicas sob a América, como liberdade territorial, liberdade econômica e liberdade política/religiosa, trazendo um teor totalmente político/revolucionário ao panfleto. Apesar desse teor político, havia uma forma simples e fácil de escrita, algo proposital do autor, fazendo com que qualquer pessoa conseguisse compreender o texto, inclusive as pessoas menos alfabetizadas/politizadas. Isso pode ter influenciado diretamente as pessoas a participar da independência já que foi um dos panfletos mais populares da Inglaterra e EUA da época, movimentando cerca de 100 mil cópias em um mês. O autor do panfleto “anônimo” foi identificado posteriormente, seu nome é Thomas Paine (escreveu juntamente com seus ajudantes). O panfleto de Paine se tornou popular tanto na Europa (principalmente Inglaterra e França) quanto na América. Isaac Kramnick, em sua introdução à uma das edições do “Common Sense” que foram editadas, apresentam:

“Publicado anonimamente, Senso Comum apareceu na Filadélfia em Janeiro de 1776. Foi um sucesso instantâneo, e cópias do panfleto foram

feitas rapidamente. Paine chamada por independência em seu panfleto, e os americanos estavam em dúvida entre reconciliar ou romper com os britânicos, e venceu a ideia de Paine com suas palavras contra a monarquia em geral, e contra a britânica em particular. (tradução própria) (KRAMNICK, 1987)

Além do “maior e mais incendiário panfleto popular da história da revolução americana”, vimos com as ideias de Chartier que os impressos se mostraram como um dos suportes principais para uma remodelação de crenças e comportamentos, urbanos ou rurais. Surgiram novos modos e locais de leitura, como os leitores solitários das cidades, os ouvintes das vigílias camponesas, os leitores de gabinete, os leitores da rua, as bibliotecas elitizadas, como os novos livros, seja os livros menos intensos, os livros sagrados e os livretos de bolso, entre os panfletos e outros impressos da época. Essas práticas sociais em escalas crescentes trouxeram efeitos que por um lado transformaram pessoas, sejam nas leituras da fé, da civilidade ou das técnicas, e por outro lado permitiu uma espécie de “libertação dos espíritos (na sociedade), pela informação apreendida ou pela ficção investida, podendo escapar das repetições obrigatórias de um cotidiano estreito”. (CHARTIER, 1998, p. 32)

1.2 - “Cultura Midiática e Cultura de Massa”

Mollier (2008) aborda a leitura no século XIX como uma atividade que não acontece sem nenhum propósito, mas, como aconteceu com as populações europeias, foi preciso admitir que esta mídia (impressa) trouxesse algo de útil ou agradável.

Os primeiros impressos a penetrar no interior dos lares tiveram de combater as ideias estabelecidas, os princípios elementares da economia doméstica que excluíam tudo aquilo que não fosse imediatamente essencial à sobrevivência do grupo. (MOLLIER, 2008, pg. 06)

Na França daquela época surgem muitas transformações ligadas à leitura, juntamente à Revolução Industrial, como a alfabetização da

grande parte dos cidadãos, ao sufrágio universal, entre outros acontecimentos históricos. Mollier explica que a progressão da leitura nessa época ainda estava bastante ligada às leituras religiosas, sendo que as classes mais baixas tinham a Bíblia como único livro no lar, praticando uma leitura intensiva - ler e reler diariamente, ao contrário das leituras extensivas, praticadas de diversos livros.

Os primeiros “*best-sellers*” da história ocidental, que podemos considerar uma leitura de massa, tirando a Bíblia, foram os manuais de educação e alfabetização, além dos jornais, seus romances-folhetim e o panfleto popular. Posteriormente começou a se popularizar a venda de livros muito barato, espalhados em bancas na estação de trem e no campo. Proliferaram-se então as revistas e obras de divulgação científica, e entre eles, os dicionários e enciclopédias. Surgiram revoluções do sistema editorial de 1900-1905, a revolução nas estruturas escolares, a revolução da democracia que afirmava a informação do cidadão, as mudanças referentes à literatura em série agora concebida para milhares de leitores.

Em seu texto, Mollier prossegue se indagando sobre a cultura midiática e a cultura de massa, demonstrando a influência dos meios de produção e circulação dos materiais impressos na vida e cultura popular. A imprensa nessa época mantinha bastante agitado o setor impresso. O voto da lei de 1881 (título de eleitor); o aparecimento dos “monotipos e linotipos” nas gráficas; a multiplicação nas cidades dos vendedores anunciando jornais pelas ruas; a conclusão da escolarização universal; o crescimento das despesas com entretenimento nos orçamentos familiares; entre outros fatores ajudaram a aumentar consideravelmente o leitorado “ocidental”. Os livros de romance e ficção também cresciam nessa época.

Com 200 toneladas diárias de papel destinadas a terminar no cesto do trapeiro, o exército de mascates e de vendedores avulsos de jornal percorriam os bulevares para vender tanto jornais a 1 sou, quanto comunicados mortuários humorísticos, canções de ruas, panfletos, ou outros. Assim surgia uma autêntica literatura de rua. (Mollier, 2008, pg. 09)

As publicações de impressos cresciam altamente em Paris. A seriedade e a sensibilidade para com a leitura também. Seja pelos debates políticos que havia na imprensa, seja pela forte comoção das

histórias (fictícias ou não) contadas nos livretos. As informações dos jornais e os sentimentos das histórias de romance dos livros faziam parte da história política e social da época. Além dos materiais de imprensa que circulavam pela cidade, havia os livretos/panfletos críticos que procuravam debater com os acontecimentos locais, com textos de preocupações do povo, a ponto de transmitir sua visão do mundo e suas preferências em matéria de governo. Desse modo, os impressos agiam, abalavam e mobilizavam a opinião dos jornais políticos e do senso comum. Havia também os jornaleiros, que montavam seus próprios jornais e vendiam na rua através de representações teatrais, a ponto de fazer com que o passante caísse em sua lábria e levasse seu material. Eram populares nas ruas de Paris os jornaleiros das gazetas matutinas, que durante o dia ou à tarde vendiam escritos efêmeros. Em meio a essa literatura de rua ou do povo, chamada de “*litterature du caniveau*” ou “*du ruisseau*”, havia diversas experiências além das leituras, como cânticos, dramaturgias e debates.

Junto às leituras populares, os pasquins e os cartazes faziam parte do material espalhado pela cidade para divulgar ideias. Impressos artísticos eram criados também. Materiais que tinham o intuito de incitar a população a olhar e subverter, ao menos simbolicamente, a ordem estabelecida.

“Distribuída no período do carnaval, o momento preciso em que, a cada ano, certa subversão paródica e lúdica da ordem estabelecida era mais ou menos admitida ou tolerada pelas autoridades, essa produção literária adotava ainda mais contornos políticos quando aparecia como uma liberação, uma forma de exteriorizar os medos da época. (Mollier, 2008, pg. 13)

Mollier destaca que o leitor mais comum parisiense podia ser visto como aquele que comprava *Le Petit Journal* pela manhã e à tarde as canções de Léon Hayard ou Louis Gabillaud e os testamentos humorísticos, destinados à ocupação do leitor que vivia seu dia difícil no que podemos chamar da “era do papel”. Mesmo essa leitura não pertencendo aos gêneros mais nobres da literatura, tinha o poder de teatralizar a vida política da época, mesmo em forma de ficção, o leitor se apegava a esse estilo literário, cheio de métodos, códigos e retóricas voltadas a melodia, a rima, envolvendo o estilo do povo parisiense. Essa emergência de diversos impressos, ideias e debates, mostra válvulas do

desenvolvimento social da França. Os impressos, em escala massiva, exprimem suas opiniões e participam do debate nacional, muitas vezes mediados por agitadores populistas, demagogos e nacionalistas, a fim de tentar persuadir as massas com suas ideias, e de outro lado, à visão mais romântica do texto destinado a esclarecer consciências, provocar pensamentos, protestando e revelando casos.

A gratuidade e obrigação da escola até os 13 anos faziam crescer as publicações de livros escolares. As novas políticas educativas foram criadas e era seguido o objetivo de que cada criança escolarizada devesse possuir seis manuais escolares adaptados a seu curso de seis a oito anos. As editoras escolares começaram a ter grande “vantagem” em comparação aos outros setores, abalando a concorrência mercantil das impressões na época. Nesse sentido a Europa demonstrava um sistema educativo e jornalístico massivo, mas de certo modo influenciado por empresas e governos que buscavam os seus privilégios em meio às atividades populares. Mollier destaca em seu texto que em diversos momentos a elite e o governo impediam de circular livros para serem vendidos a preço baixo, como era o movimento da imprensa popular de 1 centavo, que circulava cerca de 10 milhões de compradores diários. São citadas situações em que os vendedores ambulantes nas ruas e camelôs, muitas vezes fazendo a ponte entre a cidade e o campo levando a leitura, eram combatidos por policiais. De certo modo, o mercado de rua afetou drasticamente as vendas por assinaturas e livrarias, mas também manteve o contato com diversos cidadãos que buscavam conhecimento em meio a situações menos favoráveis. Nesse sentido, Mollier apresenta a ideia de, que fazer história e investigação científica é preciso abordar tanto os mais humildes quanto os mais abastados para haver uma compreensão social, porém, diz que é infinitamente uma tarefa mais complexa e confusa estudar os primeiros.

Através da visão de Mollier percebemos que as diversas mudanças continuaram a surgir como vimos inicialmente com Chartier, mas já mais desenvolvida, a ponto de movimentar milhões de exemplares por dia a cidadãos e lugares. Nesse sentido, vemos que, até os dias de hoje, o impresso ainda vem se desenvolvendo técnica e tecnologicamente, porém, com a chegada do formato digital, passa a remodelar algumas de suas trajetórias, como veremos a seguir.

1.3 - O livro impresso atualmente

Há muita circulação de materiais impressos no dia-a-dia atual, mas é um número que já cresceu muito mais rápido antigamente. Nos últimos anos, cresceram as transformações digitais, criação digital e conversão digital, modificando a aceleração que teve o formato impresso desde os tempos modernos que vimos. O formato digital junto à internet vem levando as notícias de jornal, os livros, os anúncios das lojas, e vários outros impressos, para uma versão também dentro de um eletrônico que pode se interligar em rede (como computador, tablet ou celular e internet). Em algumas situações o formato digital acabou substituindo o formato impresso³, mas em outros casos os formatos são complementares, como um livro impresso ou um livro digital, ou a leitura de um jornal impresso ou a versão digital online do jornal, entre outras situações em que encontramos tanto uma versão impressa quanto uma digital. As escolhas e usos dos formatos são complexas e não dependem apenas de um fator, envolvem situações diversas como tempo, dinheiro, gosto pessoal, cultura e educação.

Em uma visão estatística sobre o mundo do impresso atualmente, de acordo com o website “World’o’ meters” (trabalha com pesquisas estatísticas globais), a média do número de jornais em circulação por dia no mundo é de 225 milhões de unidades, sendo um número que cresce por dia mas mais lentamente que no passado. A média de publicações de novos livros impressos no mundo também, com média de 3 mil títulos por dia.

Analisando esse número por região do mundo, percebemos que em países como EUA e Inglaterra, há um alto crescimento da utilização e venda de livros digitais, ao mesmo tempo que são os maiores publicadores de títulos do ocidente. O Brasil neste caso, mesmo sendo um dos países do mundo com maiores números de conectados na internet, demonstra um pequeno índice de uso e vendas de livros digitais, e uma inferioridade de publicações de títulos por ano comparado aos países citados. Veja tabela 1:

³ Como alguns serviços burocráticos, como por exemplo o formulário de inscrição do vestibular da UFSC, feito digitalmente para guardar e organizar a alta quantidade de dados dos formulários inscritos. Existem opções em que o digital acabou potencializando a eficiência do que o papel já fazia.

	Área	População	Publicações por ano
EUA	9.371.175 km ²	308.745.538	328,037
China	9.596.961 km ²	1.338.612.968	328,986
Inglaterra	130.395 km ²	60.000.000	206,800
Brasil	8.515.767.049 km ²	201.032.714	54,792

Tabela 1: Publicação de títulos por ano no EUA, China, Inglaterra e Brasil (2012). Fonte: <http://www.worldometers.info/books/>

Analisando notícias de alguns desses países como os EUA e o Brasil, percebemos que em relação ao uso do impresso encontramos números mostrando tanto crescimento quanto redução do seu uso. A redução estaria mais ligada à visão geral do formato devido ao crescimento do digital, e o crescimento do impresso estaria ligado a uma visão mais local, onde cresce o número de pequenas livrarias segmentadas, e eventos que interligam pessoas à livros, ou seja, as livrarias estão procurando criar jeitos e ambientes para trazer o leitor para perto do livro impresso novamente, fazendo eventos sobre leituras, locais para tomar um café e ler um livro ou ambientes para se encontrar com outras pessoas e trocar ideias ao lado dos livros.

Para ilustrar essas ideias de redução e crescimento do uso do formato impresso, foram analisadas quatro notícias separadamente que podem ser divididas assim: 1) livros impressos em crescimento, 2) “redução” de livros impressos, 3) livros digitais em crescimento e 4) “redução” de livros digitais.

1) Livros impressos em crescimento - De acordo com notícia da Globo News⁴ de 07/02/14, intitulada “Cresce venda de livros em 2013, mas número de livrarias diminui no Brasil”, apesar do crescimento das vendas e dos lucros de livros impressos em 2013, o número de livrarias caiu, mostrando que a maioria das vendas são feitas pelas livrarias que já dominam certa parte do mercado e exploram isso (ou lojas online). As menores livrarias, que acabaram por não fechar, não competem diretamente com essas grandes livrarias por serem mais segmentadas e focadas em livros que não são tão explorados pelas grandes livrarias,

⁴ Fonte: <http://g1.globo.com/globo-news/conta-corrente/platb/2014/02/07/cresce-venda-de-livros-em-2013-mas-numero-de-livrarias-diminui-no-brasil/>

mas acabam sendo mais vulneráveis pois concorrem em contrapartida com as vendas de livros impressos dentro da internet, como sebos online. Além disso, analisando notícias dos EUA sobre a mesma temática do crescimento dos livros, como da Forbes⁵ de 19/11/2013 intitulada “Hardcover Sales Growth Outpacing Ebooks In 2013 (Livros impressos crescem mais que livros digitais em 2013)”, percebemos que o mercado de livros impressos e digitais está bastante movimentado, já que nos EUA as vendas de livros impressos em 2013 obtiveram grandes marcas que até bateram os livros eletrônicos em certos meses, fato que surpreende o digital, que tem como justificativa um auge de crescimento naquele país entre 2011 e 2012. Deste modo vemos que o impresso ainda mostra forças nas vendas, e conseqüentemente no seu uso, apesar das mudanças de tipos de livrarias e de como se chegar até o livro.

2) “Redução” de livros impressos - A notícia da revista Istoé Dinheiro⁶ do dia 05/05/2014 intitulada “Sob pressão, livrarias reinventam seu negócio”, aponta para as manobras das grandes livrarias brasileiras, que, por mais que dominem as vendas do setor editorial, estão tendo que lutar contra a redução do ritmo de vendas do formato impresso. De acordo com a notícia, as livrarias brasileiras de grande porte, como Livraria Saraiva e Livraria Cultura, estão tendo grandes faturamentos em suas vendas anuais, porém esse ritmo já foi maior. O crescimento das vendas pela internet e dos formatos digitais acabam por fazer com que livrarias físicas tenham dificuldades nas vendas. Então, procuram criar jeitos de suprir estas dificuldades, como, por exemplo, a criação de lojas compactas em aeroportos e locais estratégicos, segmentos focando em públicos-alvos, ou até mesmo trazendo eventos ou lugares para atrair público, como cafés e restaurantes, tentando criar um ambiente perto do livro. Como aponta a notícia, a resposta das livrarias para essa questão é um investimento novo em vendas online, e uma renovação nos ambientes das lojas que procuram complementar os formatos impressos junto ao leitor.

3) Livros digitais em crescimento - A notícia do Estadão⁷ de 21/04/2014 intitulada “Crescimento na venda de e-book no Brasil deve continuar”, destaca que os livros digitais devem aumentar sua presença

⁵ Fonte: <http://www.forbes.com/sites/jeremygreenfield/2013/11/19/hardcover-sales-growth-outpacing-ebooks-in-2013/>

⁶ Fonte: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20140505/sob-pressao-livrarias-reinventam-seu-negocio/151570.shtml>

⁷ Fonte: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral.crescimento-na-venda-de-e-books-no-brasil-deve-continuar-diz-especialista.1156757>

no mercado editorial brasileiro no ano de 2014, palavras do diretor do site especializado no mercado editorial Publish News. A matéria aponta que o crescimento em 2014 nas vendas de livros digitais se dará pela presença da empresa Amazon no Brasil. A Amazon é uma empresa americana de produtos em geral e de tecnologia, que começou vendendo livros online e hoje em dia vende desde comida até jóias na internet. Sua presença no mercado norte americano é muito grande, então no Brasil se espera uma alta atuação. A Amazon é precursora em vendas de livros impressos e digitais na internet, e hoje em dia fabrica também um dispositivo leitor de livro digital chamado Kindle, que por esses motivos a empresa deve tomar conta de grande porcentagem das vendas de livros no Brasil. Também é destaque na notícia a questão de que há a previsão de aprovação das modificações na Lei 10.753/2010, que institui a Política Nacional do Livro, que tem como uma das propostas a inclusão de “equipamentos cuja função exclusiva ou primordial seja a leitura de textos em formato digital” na isenção de impostos, diminuindo o valor dos dispositivos “e-readers”, ou leitores eletrônicos, que servem exclusivamente para leituras digitais. Por fim, a matéria mostra que o PNLD, Programa Nacional do Livro Didático prevê para 2015 um aumento de compras de livros no formato digital ainda maior no Brasil.

4) “Redução” de livros digitais - A matéria “O livro de papel parece ter mais futuro hoje do que ontem”, da Revista Exame⁸, mostra o exemplo da livraria Keebe dos EUA, se perguntando se, por ser uma livraria, já deveria ter fechado as portas, pois, já viu o avanço da internet, das vendas online e dos leitores eletrônicos da Amazon, e mesmo assim estão com faturamento positivo dentro de suas livrarias. Sobre esse uso do impresso, a reportagem destaca que nos Estados Unidos nos últimos anos aumentou mais de 8% o surgimento de livrarias menores e alternativas de livros. Sobre isso, empresário da Keebes comenta: “Oferecemos uma série de serviços que enriquecem a experiência do cliente com a livraria. Caso contrário ele compraria online.” Dentro da livraria são feitos diversos eventos como, contato com escritores, discussões, entre outras atividades. Sobre a redução das vendas de e-book nos Estados Unidos, o empresário comenta que as vendas devem ainda crescer bastante, porém não tão rápido quanto no seu início. De acordo com o consultor Mike Shatzkin, apresentado na notícia, esse fôlego não foi mantido devido ao hábito de se ler

⁸ Fonte: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1050/noticias/um-futuro-de-papel?page=1>

eletronicamente, que acabou não sendo muito adaptado. Desse modo, a experiência da leitura digital não acompanhou a velocidade eletrônica. Na reportagem conclui-se que a previsão é de uma convivência entre e-books e papel, sendo a participação do papel ainda maior durante vários anos.

As quatro notícias mostram o cenário confuso da movimentação dos livros em seus formatos na cultura da leitura dos dias de hoje. Em certos lugares dos Estados Unidos, o crescimento do ebook registrou um disparo alto nos anos de 2011-2012, porém sem continuidade alta. Já no Brasil, ainda não houve um grande crescimento desse formato, mas em 2014, com a chegada de recursos eletrônicos e preços baixos, poderá ter um crescimento. As vendas dos formatos impressos sofreram uma queda devido ao crescimento do ebook, mas de certo modo criaram-se alternativas para se manter os crescimentos, como livrarias segmentadas e ambientes/eventos junto aos livros. Além disso, a tradição da leitura impressa demonstra uma força grande, enquanto a adaptação ao modo de leitura eletrônica é baixa, sendo um dos motivos pelo crescimento não ter se elevado altamente. Tanto pela questão do preço de dispositivos para leitura digital, quanto pela questão de ser uma experiência diferente da leitura impressa, que não requer tantas habilidades quanto manusear um dispositivo eletrônico e ler um livro digital. Talvez, as novas gerações com crianças nascendo com hábitos digitais, possam nos dar novas respostas sobre essas tendências. Essas técnicas e tecnologias ainda estão em desenvolvimento, tanto por parte da produção, quanto da adaptação. Mas atualmente pelo alto uso dos formatos digitais no geral, não somente na questão dos livros, percebe-se que, assim como na época moderna o impresso fez surgir novas atividades sociais, hoje em dia dentro do mundo digital novos hábitos e acontecimentos surgem, e mais detalhes sobre esses impactos veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - História do Livro Eletrônico

Em meio aos avanços das novas tecnologias da informação, como os computadores e os formatos digitais, Chartier apresenta reflexões sobre o livro digital em seu texto “A aventura do livro: do leitor ao navegador”, debatendo conceitos sobre as revoluções de que o livro já participou. Comparando o formato do livro digital ao livro impresso, Chartier mostra que essa revolução do formato não foi tão absoluta assim:

(...) um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais - as do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno. A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande in-fólio que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo, antes de Gutenberg; e o libellus, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão. (CHARTIER, 1999, pg.9)

O formato de produção dos manuscritos antigos e os das produções modernas de Gutenberg (e pós) se baseiam nas mesmas estruturas fundamentais do códex (códice), manuscritos gravados em madeira complementados com pergaminhos. O texto eletrônico em si também segue a estrutura, já que muitos livros atuais em digital são cópias dos livros impressos, e muitos são produzidos simulando como

modelo um livro tradicional. O que mais diferencia um livro impresso e eletrônico, nesses parâmetros, é a relação mais distanciada fisicamente do livro eletrônico, destaca Chartier. Ou seja, um livro você consegue pegar, folhear e colocar em sua mesa ou mão, já no formato digital você precisa de um computador⁹. Neste caso o tablet/e-reader seria o dispositivo que encontramos hoje em dia, que segue uma aparência semelhante ao do livro, mostrando ainda a conexão com a estrutura do codex destacado por Chartier. Por esse lado Chartier tinha razão ao afirmar sobre essa estrutura de formato existente, pois os livros digitais muitas vezes seguem linearmente as estruturas do livro impresso, simulando a ordem dos textos, o sumário, a paginação, etc. Mas novos modos de leituras eletrônicas surgem atualmente, como leituras de livros em forma de website, por exemplo, como feito pela empresa Google no projeto do livro “Lições que aprendi sobre navegadores e web”,¹⁰ que acrescenta dinâmicas nas leituras digitais, como animações, sons e vídeos.

O formato digital se diferencia do impresso pela dinâmica digital e “em rede”, que se pode estabelecer pela internet, criando novas interações instantâneas, acelerando demasiadamente a troca de informação e os meios de comunicação. Na visão enciclopédica do Wikipedia, vemos que o digital é definido como um conjunto de dispositivos de transmissão, processamento ou armazenamento de sinais digitais que usam valores discretos (descontínuos), ao contrário do sinal analógico que usa intervalos contínuos de valores para representar informação. O uso mais comum do formato digital é na computação e eletrônica, e seus exemplos podem ser uma informação real que é convertida na forma numérica binária, como o áudio digital (mp3) ou a fotografia digital (jpeg). O mundo digital e a internet, desde sua popularização no início desse século, vêm se transformando com o tempo, com surgimento de novas técnicas e tecnologias que acabam por impactar diversos setores da sociedade. Por um lado, traz novos conhecimentos, aprendizados, pesquisas, comunicações, trabalhos,

⁹ A década de 1970-80 é marcada pelas primeiras inovações na área da computação, como a internet e os e-mails, e também marcada pela digitalização da Declaração de Independência dos EUA (chamado de Projeto Gutenberg), onde marcou o início do formato digital no cenário da escrita/leitura. O tablet em si, como os e-readers dos e-books, foram se consolidar nos anos 2000 para frente. Como Chartier escreve nos anos 1970-80, ele cita o computador como o meio de leitura dos livros eletrônicos, pois o tablet/ereader ainda eram ideias a surgir.

¹⁰ Fonte: <http://www.20thingsilearned.com/pt-BR>

relações e por outro lado deixa um futuro aberto com novos questionamentos, caminhos, problemas, tarefas, dificuldades, situações.

Para ler um livro digital precisa-se de um arquivo de livro em alguma extensão digital e de um dispositivo eletrônico como um computador, tablet, etc, ou um leitor de livros eletrônicos (e-reader) para ser a base da leitura. No ebook podem-se adicionar diversas interações que o digital suporta, como por exemplo, um hiperlink no texto (criando um atalho online para a internet que te conecta instantaneamente a uma informação), ou um arquivo de música em mp3 dentro do livro que toca quando se lê certa página, entre outros.

No formato do livro eletrônico, Chartier destaca que as noções de autor, editor e distribuidor passam por transformações. Além disso, o mundo eletrônico nos abre novamente novas transformações em vários cenários, alterando tarefas e profissões que antes eram vistas separadas.

Um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata. Daí, o abalo na separação entre tarefas e profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam então claramente separados. (Chartier, 1999, pg. 16)

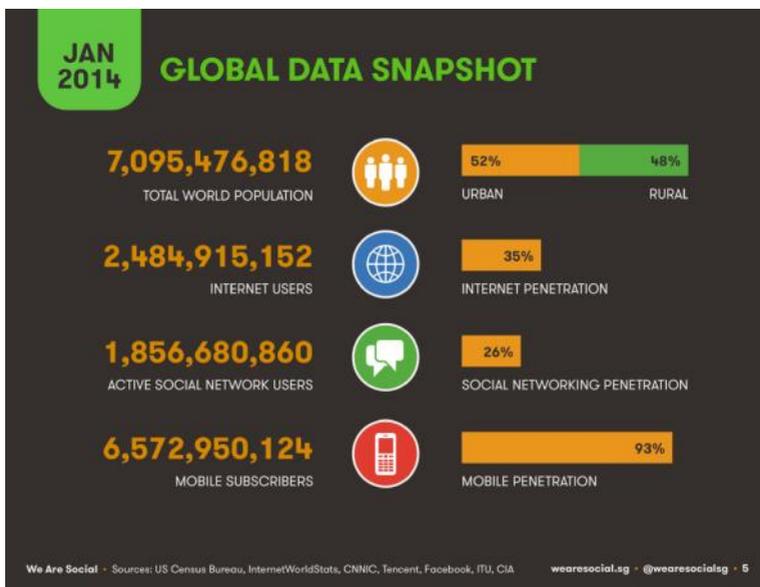
Comparando as mudanças das revoluções de Gutemberg, dos impressos na Europa moderna, dos livros populares de rua, das grandes bibliotecas, vimos que os livros impressos tiveram impactos social/político/cultural de grande escala na vida moderna ocidental. O impresso, a leitura, o conhecimento nas ruas e nas escolas, assim como a cultura popular, o Estado, o mercado, foram, entre outros, atores ativos na história do livro. Como vimos no capítulo anterior, o formato, a produção, a circulação e o modo de atuação com e do livro mudaram de época para época junto a suas sociedades influenciando em seus aspectos sociais. Antigamente havia apenas poucas cópias de livros e a produção não atingia muitas pessoas, fazendo do manuscrito e dos livros algo muitas vezes especial. Com o surgimento da máquina de Gutemberg, muitos avanços surgiram no cenário da produção e da circulação de livros, além de transformar os modos de leitura e relações

em torno dessa prática. Os livros ficaram mais populares e baratos - apesar de certas vias de interação com os livros, como o comércio (popular) de rua, muitas vezes serem reguladas ou proibidas por interesses privados ou de Estado - e também ficou muito mais rápido de se produzir impressos, fazendo com que o volume diário atingisse muitas pessoas que não tinham ainda contato com a leitura. Tudo isso não afetou somente os impressos e os livros, mas o cenário social, político, cultural... Com a leitura sendo uma nova atividade diária dos cidadãos.

Sendo assim, é viável nos indagarmos se o formato digital e os textos eletrônicos irão de certo modo transformar radicalmente nossas vidas? Ou não? Ou já estão mudando?

A princípio a resposta para essa pergunta pode ser as três opções, ou seja, em certos aspectos “estruturais” o livro eletrônico permanece o mesmo desde a antiguidade, pois como mostrou Chartier, não mudou-se muito sua estrutura, sendo assim, a resposta poderia ser não. Em outro aspecto, os livros digitais já são muito utilizados principalmente em países como EUA, Canadá e países da Europa, obtendo vendas mensais maiores que as dos livros impressos, sendo assim, a resposta seria que o livro digital já está mudando o cenário do impresso. Por fim, podemos pensar que a resposta seria mudanças radicais, pois em relação ao formato digital percebemos cada vez mais o uso de tecnologias eletrônicas/digitais no planeta, como apresenta o infográfico da “We are Social” (uma empresa multicultural de mídia digital com sede em vários países do mundo) que montou um relatório de mais de 180 páginas sobre a influência do digital atualmente¹¹:

¹¹ O estudo completo pode ser encontrado no website do artigo. Fonte: <http://pt.slideshare.net/wearesocialsg/social-digital-mobile-around-the-world-january-2014>



Infográfico global sobre Internet, Redes Sociais e Dispositivos Mobile¹²

¹² Retirado do website <http://was-sg.wascdn.net/wp-content/uploads/2014/01/Slide005.png>.
Data: 25/05/2014

Dados Por Região/Continente do globo:



Infográfico por áreas sobre Internet, Redes Sociais e Dispositivos Móveis¹³

Nestes infográficos, percebemos principalmente que a internet e os dispositivos móveis, como celulares, estão cada vez mais presentes na população global, mas de maior modo nos países da América do Norte e do Oeste da Europa, que são países com grandes pólos de criações tecnológicas, assim como o Japão e Coreia do Sul.

¹³ Fonte: <http://was-sg.wascdn.net/wp-content/uploads/2014/01/regional-data-overviews.png>.
Data: 25/05/2014

Comparando esses dados com dados mais antigos para destacar o crescimento do meio digital no mundo, podemos analisar a tabela do site “World Internet Stats”, que traz informações do uso da internet do ano 2000 até o ano 2012.

WORLD INTERNET USAGE AND POPULATION STATISTICS June 30, 2012						
World Regions	Population (2012 Est.)	Internet Users Dec. 31, 2000	Internet Users Latest Data	Penetration (% Population)	Growth 2000-2012	Users % of Table
Africa	1,073,000,920	4,514,400	167,335,676	15.6%	3,636.7%	7.0%
Asia	3,922,066,987	114,304,000	1,075,681,059	27.5%	341.9%	44.8%
Europe	820,918,446	106,096,053	518,512,109	63.2%	393.4%	21.5%
Middle East	223,608,203	3,287,800	90,000,455	40.2%	2,539.9%	3.7%
North America	348,280,154	108,096,600	273,785,413	78.6%	153.3%	11.4%
Latin America / Caribbean	593,600,630	10,060,519	254,915,745	42.9%	1,310.0%	10.6%
Oceania / Australia	35,003,560	7,620,480	24,287,919	67.6%	218.7%	1.0%
WORLD TOTAL	7,017,846,922	360,985,492	2,405,518,376	34.3%	566.4%	100.0%

NOTES: (1) Internet Usage and World Population Statistics are for June 30, 2012. (2) CLICK on each world region name for detailed regional usage information. (3) Demographic (Population) numbers are based on data from the US Census Bureau and local census agencies. (4) Internet Usage information comes from data published by [Nilsen Online](#), by the [International Telecommunications Union](#), by [SIS](#), local ICI Regulators and other reliable sources. (5) For definitions, disclaimer, navigat on help and methodology, please refer to the Site Suring Guide. (6) Information in this site may be cited, giving the due credit to www.internetworldstats.com. Copyright © 2011 - 2013, Minn Watts Marketing Group. All rights reserved wcr dw de.

Uso Global da Internet e População de 2012¹⁴

Nesta tabela percebemos que há um crescimento de 500% no uso da internet em nível global de 2000 até 2012, mostrando que em países em desenvolvimento, como na África e na América do Sul e Central, esse crescimento é altíssimo, apesar da pouca penetração na população, e em países desenvolvidos como na Europa e América do Norte, o uso por região obtém médias de 75% da população, tendo crescimento já não tão grande por já ter atingido altos níveis de sua população. Esses números mostram a grande influência do digital e da rede global da internet na população mundial, trazendo diversas mudanças na comunicação, no trabalho, na vida social, nos meios industriais, tecnológicos, comerciais, administrativos, organizacionais, educacionais, acadêmicos, etc.

De acordo com dados estatísticos do site Teleco.com.br, percebemos que quase metade da população brasileira está presente na Internet, sendo o 5º país que mais se conecta na rede. De 2007 a 2011, o percentual de brasileiros conectados aumentou de 27% para 48%. Mas vemos que dos 10% mais pobres, nem 1% têm acesso à Internet, e dos

¹⁴ Retirado do website: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Data: 25/05/2014

10% mais ricos, mais que 50% têm acesso à Internet. Nas regiões Sul são 30% de conectados; em contrapartida, na região do Nordeste são em torno de 10% de conectados.

Sendo assim, fica inviável estudarmos a história do livro eletrônico a fundo sem estudar sua época e seus acontecimentos, juntamente com autores que apresentam ideias sobre as tecnologias e os impactos nas sociedades. Essa época é onde o digital e a internet se popularizaram, com o uso de computadores, tablets e celulares. O século XXI é marcado pelas grandes revoluções em questões de eletrônica e telecomunicações, além das conquistas de conhecimentos globais e espaciais através dos avanços científicos e revoluções industriais, mas também é uma época ainda marcada por conflitos e guerras de cunho político, mercadológico, social, religioso, como diversas guerras no Oriente Médio, e protestos políticos anticapitalistas em diversos países, que tiveram como denominador comum a interação popular através das redes sociais online e dos dispositivos digitais nas coberturas.

2.1 - “Sociedade em Rede”

Autores como Manuel Castells e Pierre Levy trabalham conceitos e reflexões sobre essa época digital, denominando como “Sociedade em Rede”, na visão de Castells, e “Cibercultura”, na visão de Pierre Levy. O texto de Isabella de Araujo Garcia Simoes, chamado “A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação”, faz um paralelo entre os pensamentos desses autores. Simões mostra que essa época é marcada pelos meios de comunicação e pela alta velocidade de troca de informação e conhecimento, destacando a Internet (e o meio digital) como base dessas mudanças. Destaca que Castells analisa esse fenômeno buscando uma visão mais ampla, sociológica e do mercado global frente a essas mudanças, enquanto Levy traz noções mais voltadas à cultura do digital, focando na área antropológica de como o ser se adapta no mundo conectado. A respeito dessas mudanças nessa era, Simoes afirma:

São linguagens, usos, percepções sensoriais, novas identidades formadas e trocas simbólicas que estão emaranhadas em rede, que não descarta nem mesmo o aspecto econômico dentro dessas

novas relações. Do ponto de vista da economia, a rede trouxe mudanças profundas à sociedade, redefinindo as categorizações de Divisão Internacional do Trabalho (DIT) entre os países e as economias. Mas, afinal de contas, as tecnologias de comunicação estão a serviço de que, ou de quem? Que mudanças são trazidas por essas tecnologias à vida do homem e à sociedade? O que desencadeou todo esse processo? E mais: o que pode ser apreendido dessa relação humana mediada por máquinas? (SIMOES, 2009, pg. 03)

Jorge Werthein em seu texto “A sociedade da informação e seus desafios”, baseado em Castells, mostra que as sociedades informacionais estão ligadas à expansão e reestruturação do capitalismo desde a década de 80 do século passado. Uma das características das revoluções tecnológicas são as ênfases na flexibilidade (transformações organizacionais), que tem permitido realizar com rapidez e eficiência os processos de desregulamentação, privatização e ruptura do modelo de contrato social entre capital e trabalho característicos do capitalismo industrial. Werthein destaca alguns pontos que definem as mudanças tecnológicas dessa época:

1) A informação é a matéria prima na era da informação. Desse modo as tecnologias se desenvolvem para permitir ao homem atuar sobre a informação, diferentemente de antigamente, quando só se utilizava da informação para agir sobre as tecnologias, criando implementos novos ou adaptando-os a novos usos.

2) Os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade tanto no meio social quanto no particular. A informação e o conhecimento, através das novas tecnologias, são parte integrante da era da informação.

3) Predomínio da lógica de redes (apesar de diversas interpretações).

4) Flexibilidade e organizações diferentes de tradicionais padrões de hierarquias e sistemas.

5) Crescente convergência de tecnologia onde a microeletrônica e a telecomunicação são centros do desenvolvimento tecnológico atual, mas de certo modo sempre havendo interferências como fatores políticos, comerciais, sociais...

Werthein se preocupa em destacar a premissa de que essas transformações não podem ser confundidas com determinismo e evolucionismo tecnológico, tendo que prestar atenção aos fatores sociais

que atuam nas adaptações locais (e mundiais) de cada tecnologia (e técnica). Nesse sentido o autor aponta a colocação de Castells no qual fala que apesar da internet ter surgido com estudos para fins militares dos EUA, foi com caráter social e “acadêmico/científico” que essa tecnologia acabou se tornando popular. Além disso, os conceitos de determinismo e evolucionismo não se adequam à interpretação desta ideia, pois, como mostra Agudo Guevara (2000), para uma melhor interpretação do que é uma sociedade informacional, devemos pensar na(s) sociedade(s) da informação “no plural”, para que não se deixe de lado as identificações locais nos quais se passam as novas tecnologias e processos sociais. Usar no singular traz uma conotação mais generalizante, no plural destaca-se o caráter local de cada região. Percebemos em uma visão generalizada diferenças enormes em países desenvolvidos e países em desenvolvimento, e localmente encontramos diversas semelhanças possivelmente, como por exemplo a diferença de números de publicações de livros digitais em países mais desenvolvidos, apesar da semelhança de conexão de usuários na rede da internet em países em desenvolvimento.

Outra preocupação que destaca Weirthein sobre essa era da informação é o olhar sobre a atuação do capitalismo no meio das novas tecnologias e também a atuação do Estado frente a essas questões. Com novas tecnologias nada acontece por si só, deve haver fatores que possibilitem melhorias nas condições sociais, ou não haverá mudanças e melhorias junto ao uso do digital e da informação. O autor destaca que ainda nos dias de hoje vemos países e situações em que os mais “ricos” e os mais “pobres” dividem o mesmo mundo da informação em situações totalmente desiguais. Essas desigualdades de renda e de desenvolvimento entre os povos e grupos se reproduzem também no paradigma digital atual:

Enquanto, no mundo industrializado, a informatização de processos sociais ainda tem de incorporar alguns segmentos sociais e minorias excluídas, na grande maioria dos países em desenvolvimento, entre eles os latino-americanos, vastos setores da população, compreendendo os médios e pequenos produtores e comerciantes, docentes e estudantes da área rural e setores populares urbanos, adultos, jovens e crianças das classes populares no campo e na cidade, além daquelas populações marginalizadas como desempregados crônicos e os “sem-teto”

engrossam a fatia dos que estão ainda longe de integrar-se no novo paradigma. (Agudo Guevara 2000 apud WERTHEIN, 2000, pg. 73)

Desse modo a participação do Estado ou empresas junto (ou não) a sua população, faz com que em cada lugar e situação se desenvolvam diferentes vias de usos dessas tecnologias e técnicas, causando diferentes impactos. Castells, em seu texto chamado “Estado do Bem Estar e a Sociedade da Informação” (2005), aborda a ideia de se trabalhar as novas tecnologias junto às intervenções estatais e iniciativas privadas para que se tire proveito das tecnologias para as sociedades (no caso desse estudo a Finlândia foi estudada por Castells e sua equipe). Neste texto de Castells com o autor Pekka Himanen, segundo a resenha de Daniel Mocelin¹⁵, podemos ver que os autores mostram como exemplo de sociedade da informação com sucesso, a Finlândia, um país que era “pobre”, com economia baseada no extrativismo florestal e na agricultura, e que, em duas gerações transformaram-se em uma das economias mais competitivas do mundo, após pesados investimentos públicos e privados no mercado de tecnologia da informação e comunicação e surgimento de uma cultura da inovação na sociedade civil.

Os autores defendem a tese de que relações entre inovações tecnológicas, competitividade, desempenho produtivo e proteção social/trabalhista podem ser mais positiva do que negativa, ou seja, eles acreditam que um estado de bem-estar proporciona o fundamento humano para a produtividade necessária do modelo de desenvolvimento informacional e também aponta uma estabilidade institucional e social que suavizaria os possíveis danos causados à economia e as pessoas durante períodos de recessões potencialmente agudas. A Finlândia, no caso, seria um exemplo exitoso de inserção no mundo globalizado através do desenvolvimento da sociedade da informação, mantendo o contrato social entre o Estado e a sociedade e uma distribuição desses benefícios de forma bastante homogênea¹⁶. A argumentação dos autores fundamenta-se pelo diferente desenvolvimento que a economia

¹⁵ MOCELIN, Daniel G. INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS, ESTADO E BEM-ESTAR SOCIAL. In: SBS Resenhas – n4, Ano3, Junho 2008. (Resenha do Livro de CASTELLS, Manuel; HIMANEN, Pekka. El Estado del bienestar y la sociedad de la información. El modelo Finlandés. Madrid: Alianza Editorial, 2002.)

¹⁶ Entre os casos de sucesso de sua economia estaria o exemplo a empresa Nokia, que teria contribuído com a revolução das telecomunicações no mundo.

informacional teve na Finlândia em contraposição ao desenvolvimento que se observou em algumas partes dos EUA, onde a globalização da economia se traduziu em aumento da desigualdade social, crescimento da marginalidade dos indivíduos menos protegidos pelo estado, etc.

Enfim, Castells e Himanen apontam que o Estado de bem-estar e a cooperação entre as empresas e os trabalhadores, com alguma mediação governamental, permitem o desenvolvimento da flexibilidade do trabalho em um sistema estável de relações industriais. Os autores demonstram que o modelo finlandês de sociedade informacional tem-se desenvolvido em circunstâncias específicas que não são reproduzíveis em qualquer contexto, entretanto, há lições analíticas e reflexões para serem apreendidas dessa experiência.

Tratando sobre o tema do âmbito pessoal e cotidiano em relação aos impactos tecnológicos da era digital, Pekka Himanen em seu texto “A Ética dos Hackers e o Espírito da Era da Informação” (2001) fala sobre valores correspondentes à um “tipo ideal” de persona da era da informação, ou seja, o dia a dia influenciado pelas tecnologias digitais e online que trouxeram novas situações e comportamentos. Segundo a resenha de Daniel Mocelin¹⁷, Pekka Himanen procura mostrar os valores da ética dos “hackers”, que seriam uma ideia de cidadão na era da informação, ou seja, o hacker tem valores que, por exemplo, buscam ver a vida de modo a democratizar a informação, romper com a jaula de ferro da disciplina e da burocracia, realizar a paixão da criatividade, não se render à ganância, entre outros valores. Sendo assim, o autor propõe como título de seu livro, um diálogo com a obra de Weber, “A ética dos Protestantes e o Espírito do Capitalismo”, que analisou a ação social na modernidade a partir da maneira de agir e de ser dos protestantes calvinistas. Em contrário aos aspectos mostrados por Weber em sua obra, Himanen diz que os hackers, mais do que possuírem valores diferentes daqueles dos protestantes, representam uma oposição à moral industrial em diversos sentidos, declarando assim um novo pensamento. Se compararmos com Weber, podemos dizer que Himanen se vê muito entusiasmado com as perspectivas que vinculam o desenvolvimento das sociedades atuais, ao contrário de Weber, que demonstrava angústia

¹⁷ MOCELIN, Daniel G. A ética hacker do trabalho: rompendo com a jaula de ferro? In: Sociologias, Porto Alegre, ano 10, n19, jan/jun 2008, p322-345 (Resenha do Livro: The hacker ethic and the spirit of the information age. Nova York: Random House, 2001.)

sobre as mudanças da expansão crescente da racionalização econômica sobre as sociedades capitalistas em sua época.

Castells resume essa época em rede mostrando que depois de todos os acontecimentos até a guerra fria e as ameaças nucleares, o mundo se vê globalizado (e conectado):

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se uma fonte de significado social, seja pelo fato de segurança individual ou mobilização coletiva. Essa tendência não é nova, uma vez que a identidade tem sido base do significado da sociedade humana, no entanto, a identidade está se tornando a principal fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos culturais efêmeros. Enquanto isso, as redes globais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a rede e o ser (Castells, 1999, p. 41).

2.2 - “Cibercultura”

Pierre Levy explora em sua obra os novos caminhos que a humanidade vem tomando a partir das mudanças digitais, principalmente em torno da Internet e dos dispositivos digitais. No livro “Cibercultura”, mostra que com o desenvolvimento das técnicas digitais, novos produtos surgiram e muitas coisas que já existiam acabaram por virar digital (ou disponibilizar uma versão digital). As páginas da internet viraram material do dia-a-dia, onde os usuários acessam, adquirem e armazenam suas informações e produtos, através de dispositivos, substituindo em algumas ocasiões o formato impresso ou a loja física.

Para Levy (2001), a circulação dos produtos (digitais ou não) pela internet vem impactando os produtores e os consumidores de vários ramos no sentido de que:

1) o mundo digital propõe uma grande gama de acesso entre pessoas e um ilimitado banco de dados sempre ativo onde se pode adquirir e guardar elementos/produtos digitais e recorrer a eles em qualquer ponto da rede através de um dispositivo como celular, computador ou notebook;

2) ela facilita o contato que chega a se dar no âmbito global, não se limitando apenas ao local físico;

3) e se destaca também pela transição da fabricação física e do estoque físico para formato em estoque digital, causando impacto no varejo tradicional, pois através de um arquivo original se produz um acervo ilimitado, podendo atingir diversas escalas de produção, além de poupar espaço físico.

No texto chamado “Conexões Planetárias”, Pierre Levy chama a atenção ao que vem fazendo a digitalização: “Os produtores de vinho ou de queijo estão instalando um sistema de venda por correspondência na *Web*.” (Levy, 2001, p. 17). Assim Levy mostra que também as pessoas que não vendem necessariamente um produto digital estão indo para a internet fazer seus contatos, promoções, envios...

Levy apresenta suas ideias sobre a cibercultura também em seu texto “A esfera pública do século XXI” (2011). Neste artigo, é focada a ideia da esfera pública frente às novas mudanças tecnológicas atuais. É observado que a mídia digital vem “absorvendo” o antigo sistema - das mídias estruturadas pela edição em papel, do cinema, dos jornais, do rádio e da televisão. Não necessariamente substituindo os formatos, como acontece em casos, mas complementando-os. O autor exemplifica essa ideia com diversos fatos acontecidos nos últimos tempos que podemos tomar como características urbanas do mundo digital. No ano 2000, havia ativistas se organizando *online* de forma desterritorializada para protestar contra a OMC e o FMI em Seattle, sendo que o próprio evento, graças à ferramenta tecno-social “Indymedia”, foi relatado em tempo real por pessoas com suas câmeras, conectadas às redes sociais, multiplicando em várias vezes o número de visualizações de seus atos, além de proliferar também os comentários e as críticas sociais. Outro exemplo apresentado pelo autor foram às eleições do presidente dos EUA Barack Obama, em que se utilizaram plenamente os novos canais de comunicação para o convencimento da opinião pública. Também foi apresentado o caso das revoltas árabes de 2010-2011, organizadas via

Facebook e Twitter e tendo seus atores também publicado em tempo real suas participações na rede.

O autor enumera três pilares que diz suportar as transformações digitais: econômico, técnico e institucional. Econômico, pois podemos publicar textos, imagens, softwares, músicas, ou dados em geral, destinados a uma audiência planetária a custo muito baixo, digitalmente via internet. Técnico, pois o uso das ferramentas digitais de comunicação praticamente não requer mais habilidades de programação ou formatação que já foram muito específicas. Institucional, porque as publicações feitas na Internet não passam mais pela revisão necessária de conselhos editoriais, redatores, produtores, e demais diretores que controlavam as velhas mídias, resultando numa perda gradual do monopólio dos mediadores tradicionais de informação e cultura, o que obviamente não significa o fim imediato de sua influência, ainda muito rígida nas questões de regularização e controle sobre os meios de comunicação.

Levy também aborda o tema da inclusão digital mostrando que é um fenômeno que não vem atingindo a tudo e a todos de modo homogêneo. Ainda vemos que o mundo digital é uma ferramenta usada diferentemente pelas classes e grupos. A desigualdade social reflete-se também na rede.

2.3 - O livro eletrônico atualmente

Como vimos até agora a digitalização impactou na criação, circulação e utilização de produtos em geral. Vejamos alguns trabalhos que apresentam conceitos relevantes para a pesquisa a fim de ilustrar a influência do digital na atualidade.

Chris Anderson, em seu livro “A cauda longa - como o futuro dos negócios é vender mais do menos”, utiliza do conceito de “cauda longa” para demonstrar as transformações atuais ocorridas no mundo dos negócios das músicas, livros, filmes, etc, devido às questões da digitalização dos produtos e sua circulação nos usos da Internet. O autor mostra que a rede está em um crescimento acelerado, que propõe um oceano digital com milhões de destinos, fazendo com que no mercado haja um aumento da variedade de produtos e uma maior procura de itens mais diversificados, uma “cauda longa” de escolhas a serem feitas, diluindo/dificultando a produção de unidades de *hits* ou grandes sucessos como nas décadas passadas. A cauda longa representa uma

conectividade de escolhas cujo efeito é um acesso a vários conteúdos diversificados, podendo optar pela tendência “dominante” até os meios de produções “*alternativos*”, fazendo com que em alguma vez no mercado e na indústria, o amador e o profissional pudessem ficar lado a lado com um mínimo de igualdade em condições, digitalmente dentro da internet.

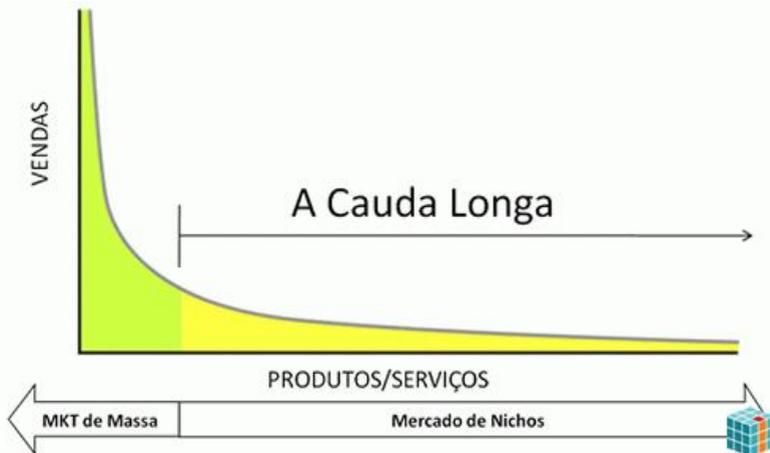


Gráfico da Cauda Longa¹⁸

No gráfico da cauda longa, podemos ver a parte vertical (vendas), que significa a parte de grandes vendas como por exemplo os livros best-sellers, e a parte produtos/serviços (horizontal), significa a cauda de opções que se abre dentro da internet, aumentando a variedade. Essa ideia acabou servindo de estratégia comercial para empresas que procuram vender produtos alternativos para um grande número de pessoas, ao invés de se limitar aos poucos produtos populares que vendem em maior quantidade (o que se poderia comparar com as livrarias com vendas de best-sellers, e as livrarias alternativas que procuram dispor de produtos que não são tão populares).

Sobre essa cauda longa em meio ao mundo digital, Anderson dá um exemplo do jovem Ben, garoto que representaria um “tipo ideal” da vida digital. Esse garoto vê pouca televisão por causa dos mesmos canais apresentados, mas quando acaba assistindo, é através das

¹⁸ Fonte: <http://conteudo.imasters.com.br/13502/1.gif>

escolhas de canais digitais que faz em diversas opções pela Internet. Em relação aos filmes, Ben acompanha as inovações de Hollywood nas locadoras, mas também fica antenado com o circuito de outros países via Internet. Sobre as músicas, Ben baixa todas pela rede, comprando apenas as faixas específicas de que gosta e os álbuns de seus autores mais conhecidos. Quando ouve rádio é em estações *online* que indicam músicas baseada em seus gostos musicais. Com os livros a situação é a mesma: Ben permanece conhecendo alguns dos itens da *mainstream* lançados pelas grandes editoras, mas é apaixonado pelos quadrinhos da subcultura japonesa, e a Internet é o único meio de acesso a esses materiais, seja para comprar ou ler. Enfim, o autor mostra que ainda existe uma demanda para a cultura de massa “dos grandes sucessos”, mas esse já não é mais o mercado exclusivo. Os *hits* estão competindo com os inúmeros mercados de nicho. “O estilhamento da tendência dominante em fragmentos culturais é algo que revoluciona o meio de comunicação e a indústria do entretenimento” (Anderson, 2006, p. 7). O meio *online* interliga os gostos das pessoas, que coletivamente procuram seus interesses em diversos cantos da rede. Anderson esclarece esse sistema fazendo uma metáfora com as livrarias digitais: “Nas livrarias *online* se encontra espaço infinito nas prateleiras para diversos produtos, além de poder mostrar informações em tempo real sobre quem compra e quem critica. Mas isso não é exclusivo de livrarias *online*, é um modelo econômico totalmente novo para as indústrias” (Anderson, 2006, p. 8).

No artigo de Leonardo Coura (2010), “Pirataria e novos modelos de negócio no mercado musical”, percebemos uma ilustração de como o mundo digital vem afetando a criação, a distribuição e a utilização de produtos, nesse caso em específico, a música, que servirá neste trabalho apenas como exemplo que sofreu impactos devido às novas tecnologias. Não se trata em comparar com o objeto de pesquisa do trabalho, mas é interessante também observar outros meios que foram se transformando na era da informação, assim como os livros e as leituras. Coura procura mostrar em seu texto, como o acesso virtual mudou o jeito de hoje se chegar até a música, além de como mudou o jeito das pessoas absorverem-na. De início, a indústria fonográfica não deu importância para o formato digital, entretanto, hoje em dia está sendo uma das necessidades encaradas pelas grandes gravadoras. Ou seja, antigamente podia-se encontrar uma estrutura mais rígida e linear na produção musical, onde havia o artista contratado pela gravadora, totalmente interligado nos investimentos de marketing, fazendo com que o som fosse necessariamente direcionado para certo tipo de programa de rádio, tendo o fã/público nesse cenário o papel de comprador do produto assim

que estivesse nas lojas. O texto aponta que nos dias de hoje com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e da Internet, este ambiente mudou. Tornou-se possível digitalizar e compartilhar por meio da rede os arquivos de músicas, quebrando com a exclusividade de consumo antes só encontrada em lojas físicas. Coura destaca que não aconteceu somente a digitalização e o compartilhamento de músicas, mas também a digitalização da crítica musical, criando-se várias comunidades na Internet em torno de diversos ramos da música, diluindo a crítica especializada/institucionalizada e aumentando o poder do consumidor em recomendação de conteúdo, diversificação e promoção.

Com essa facilidade presente na rede em questão de compartilhamento e cópias, também encontramos controvérsias envolvendo piratarias e supostos danos a direitos autorais. No texto de Ronaldo Lemos, “Direitos autorais e o consumidor na era digital”, é debatida a questão das causas econômicas, o interesse dos consumidores e a propriedade intelectual em relação à pirataria nos diversos produtos digitais. O autor adverte que é preciso compreender o contexto do consumidor frente à internet e a tecnologia digital para poder ter um entendimento mais amplo das atuações digitais e da pirataria. Cinco aspectos são levantados para demonstrar a economia dos bens intelectuais nesse contexto:

1) Preço: o autor aponta que em países em desenvolvimento o preço de bens intelectuais mostra-se incompatível com os níveis de renda locais. Há muito tempo são vendidos no Brasil produtos com o mesmo preço do que nos EUA, porém, há uma disparidade de poder aquisitivo imensa entre aqui e lá. Na rede, os produtos tenderiam a ter o preço reduzido se contempladas uma grande escala de produção digital e uma baixa carga tributária.

2) Participação: a nova geração que está vinculada às revoluções tecnológicas vêm demonstrando que a construção da identidade se perpassa por um “*mix*” de bens culturais que são fornecidos pela rede. Na nova geração, desde pequenos os indivíduos já estão conectados e atrelados aos seus “perfis” nas redes sociais, fazendo com que se valorizem as informações e opiniões decorrentes deste meio, mostrando novas demandas de produção de valor dentro do mundo digital.

3) Catálogo: a “cauda longa” demonstra a expansão da informação para além do espaço físico. Os bens culturais ocuparam os mercados de nicho e o consumidor se encontra frente a uma grande distribuição de produtos, uma cauda longa de opções.

4) Inter-operabilidade: é quando a operação de um arquivo digital fica restrita a funcionar somente em um dispositivo de certa empresa ou uma certa região do globo, ou se não oferece compatibilidade e operabilidade entre vários dispositivos como celular, computador, notebook e televisão. No contexto digital, o consumidor pretende adquirir produtos com tendência a funcionar em diversos ambientes. A Internet e os dispositivos que fornecem o acesso digital não são totalmente dotados de padrões universais, decorrentes da competição do desenvolvimento científico tecnológico, e isso acarreta em serviços exclusivos para certas empresas, regiões ou dispositivos.

5) Serviço: o meio digital dispõe de uma quantidade infinita de arquivos e armazenamento, além de uma facilidade no acesso, e isso vem transformando o modo de fazer negócios, ou seja, a venda por unidade mostra uma vinculação ao modelo tradicional de negócio de produtos físicos, porém, com as novas tendências digitais o serviço de “assinaturas” passou a ser mais requisitado. O consumidor assina para poder navegar em milhares de acessos em seus dispositivos, diferenciando do pagamento por um produto único. Exemplo desse modelo é o serviço Kindle da Amazon, no qual você recebe acesso a diversos conteúdos para ler com uma conta assinada.

O autor finaliza seu texto apontando alguns aspectos do contexto digital e jurídico brasileiro, destacando que se deve pensar mais em uma redução na repressão e em mudanças de lei, a fim de focar no ajuste de um modelo de negócio embasado em parâmetros que conciliem o contexto econômico e digital com as especificidades de cada local. No Brasil, ainda que pagando devidamente por seus produtos na rede, muitas vezes se sofre com travas eletrônicas, falta de inter-operabilidade entre arquivos e dispositivos, regimes de preços inadequados e uma “não-cauda longa” com catálogos reduzidos. É possível que essa seja parte de uma justificativa para o grande índice de consumidores nos EUA, e o grande índice de consumidores “piratas” no Brasil, que mesmo optando por querer pagar corretamente, o usuário se depara com fatores que barram ou diminuem a usabilidade e legitimidade do uso de seu material.

No texto de Henry Jenkins, “Cultura da Convergência”, o autor apresenta também sua ideia deste paradigma atual da era da informação, analisando a transformação midiática e seus dispositivos tecnológicos. Sua tese é sobre a cultura da convergência, que significa a convergência digital nas atividades. Seja a convergência de dados para dentro de um dispositivo, onde sendo um computador ou celular, você poderá acessar tudo que quiser de qualquer lugar a qualquer momento em qualquer

dispositivo. Seja pela convergência global das culturas usando esses conteúdos disponíveis na rede global. Jenkins aponta 3 conceitos sobre essa ideia: Convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva.

1) Por convergência o autor refere-se ao fluxo de informações e conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação. No mundo da convergência das mídias, a circulação de conteúdos depende fortemente da participação ativa de usuários, ou seja, “há uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões com conteúdos” (JENKINS, 2009: 30).

2) A expressão cultura participativa é usada pelo autor para mostrar um contraste com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores aos meios de comunicação. No meio da internet os consumidores e produtores participam de um novo conjunto de regras que ainda não entendemos por completo. A noção de participação vem pela transformação dos cérebros individuais e suas interações sociais, já que “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transforma em recursos para o nosso cotidiano.” (Jenkins, 2009, pg. 30).

3) Inteligência coletiva vem do termo de Pierre Levy que mostra uma noção de cultura que se tornou um processo coletivo, sendo significados produzidos coletivamente através dos fluxos das informações, que acabam por mudar o funcionamento de certas atuações, religiões, educações, políticas...

Através destes conceitos da cauda longa, do exemplo no campo da música, das análises dos direitos autorais na era digital e sobre as observações de Henry Jenkins dos caminhos das novas tecnologias, percebemos fatores que demonstram os impactos gerais nos diversos setores das sociedades, e o cenário digital em que o livro e seus formatos estão inseridos. Sendo assim, analisemos o formato eletrônico do livro em si.

O livro digital (ou livro eletrônico ou ebook) é qualquer conteúdo de informação, semelhante a um livro, em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs, leitores de livros digitais, celulares, etc. Os livros digitais têm várias extensões, os mais conhecidos são o PDF, ePUB ou HTML. O primeiro padrão (pdf) necessita de um software para ler, o segundo (epub) necessita de um software específico ou um dispositivo leitor de livros digitais, e o último (HTML) necessita de um navegador de internet, pois

o HTML simula um livro dentro do navegador da internet, através de códigos de programação. O jeito tradicional de se obter um livro digital geralmente é por download (pago ou não) do seu arquivo em alguma extensão, sendo depois colocado em algum dispositivo ou software de leitura para poder fazer a leitura. Vários usuários ou empresas podem distribuir ou vender seu livro digital através da internet, com ou sem as exigências de direitos autorais, escolhida pelo próprio. Exemplos de distribuições digitais de livro são a empresa/livraria online “Amazon” que vende livros nos dois formatos (impresso e digital), e o website biblioteca digital “Domínio Público”, gerenciada pelo governo federal que disponibiliza gratuitamente livros de domínio público em formato digital para download.

O primeiro livro digital considerado pela história, apesar de não se ter um consenso do criador do livro digital em si, foi o “Index Thomisticus”, um índice anotado dos trabalhos de Tomás de Aquino, feito por Roberto Busa no final da década de 40 (apesar dessa digitalização ter por fim um índice e concordância, ao invés de uma edição publicável). Além deste fato, outro momento da história do livro digital é a digitalização da “Declaração de Independência dos Estados Unidos da América” em 1971, e o “Projeto Gutenberg”, um projeto voluntário para digitalizar, arquivar e distribuir obras culturais através da digitalização do livro (no caso uma biblioteca digital) que se iniciou pós 1971. A maioria dos livros distribuídos pelo projeto Gutenberg também são de domínio público, e o objetivo do projeto é torná-los acessíveis ao maior número de pessoas possível, em formatos duradouros, que possam ser usados em qualquer dispositivo eletrônico.

As características de um livro digital podem ser resumidas em:

1) Portabilidade: eles são facilmente transportados em pendrives, cds, ou HD externo. Também podem ser facilmente acessados se colocados na rede da internet. Um ou mil livros cabem quase no mesmo espaço digitalmente.

2) Preço: O custo para se fazer e copiar um arquivo digital é muito mais baixo do que fazer duas peças físicas de um produto. O arquivo digital tem um custo menor de produção, circulação e armazenamento, logo seu preço acaba diminuindo em relação ao formato impresso (isso acaba sendo também diferente de país a país conforme suas taxas de impostos, inflação, fatores que influenciam no mercado).

3) Comodidade: O livro digital você compra ou lê de qualquer ambiente que tenha internet ou acesso digital. Diferente do livro e da livraria, que precisa tê-lo em mãos ou presente, na internet você pode

acessar de qualquer lugar a qualquer momento possível, e comprá-lo/lê-lo.

4) Direitos autorais: Assim como o livro impresso, o livro digital é protegido por lei de direitos autorais restritos a não poder ser alterado, plagiado, distribuído, ou comercializado de nenhuma forma sem a autorização do autor. Com a popularização dos formatos digitais e da rede da internet, vários livros de domínio público foram disponibilizados para o público, e também formatos de livros “abertos” começaram a se popularizar.

5) Diferenças na leitura: O formato digital necessita de um dispositivo eletrônico para leitura, como computador, notebook, tablet, celular ou e-reader, que seria um leitor de livros eletrônicos com ferramentas específicas para essa tarefa. O dispositivo eletrônico e os detalhes da extensão do livro digital influenciam na leitura eletrônica. Por exemplo, se um livro foi feito especificamente para o formato digital, ele terá algumas funções especiais, como letras que se adaptam ao tamanho do seu monitor, ou outras dinâmicas que fazem com que a leitura fique dinâmica, mas se um livro for digitalizado por um scanner do impresso, geralmente seu resultado final é um arquivo de imagem, como se fosse uma foto de cada página do livro, fazendo com que haja algumas limitações para os dispositivos eletrônicos reconhecerem como um livro digital codificado.

Isso tudo mostra que os livros digitais são diferentes dos livros impressos, portanto as leituras acabam por ser diferentes também. Por ser algo novo, a leitura digital é estranha popularmente, que acabam fortalecendo a tradição forte do modo de leitura impresso, que requer o toque, sem precisar de dispositivos, conexões e extensões. Sendo assim, percebemos que as mudanças dos modos de leitura digital está acontecendo principalmente com a nova geração atual, com contato digital desde o início da vida.

Mas em relação à popularização do livro eletrônico, no texto “Em busca de uma definição para o livro eletrônico”, os autores Guilherme Ataíde Dias, Américo Augusto Nogueira Vieira, Alba Lígia de Almeida Silva, apontam para mais alguns dados sobre o crescimento dos livros eletrônicos. O aumento da venda de livros eletrônicos acabou abalando diretamente o formato impresso na Austrália: a venda de ebooks cresceu mais de 100% entre 2008 e 2009 e vem crescendo ainda. Nos Estados Unidos, de janeiro de 2011 a de 2012, as vendas de ebooks para adultos e crianças/jovens aumentaram de 49% para 475% respectivamente.

Sobre o varejo brasileiro, é dito que a popularização do livro digital é lenta, e a quantidade de conteúdo é baixa, tendo que muitas

vezes recorrer aos “downloads” de versões piratas (ou cópias) por questões de limitações ou busca de maiores opções. Porém essas regulamentações e conversões ainda estão acontecendo, junto ao crescimento do digital que é inevitável.

CAPÍTULO 3 - Survey sobre livro impresso e livro digital

Para aprofundar nosso trabalho sobre a era da informação e sobre o impacto do digital e da internet nos livros e nas leituras nos dias de hoje, foi feita uma pesquisa com alunos do ensino superior sobre as escolhas feitas frente a esses novos fenômenos que influenciam tanto o formato impresso quanto o digital. O público-alvo da pesquisa foram estudantes que já estavam em fase de formação (ou até formados) no seu curso, ou seja, por se acreditar que nessa etapa final da graduação os alunos já tivessem demasiadas experiências com livros e leituras, já que na universidade se pratica a leitura de modo contínuo. Diferente de uma leitura mais calma, feita em casa por lazer, por exemplo, na universidade há um alto ritmo de leituras e circulação de livros, cenário que foi visto como interessante para ser explorado essas questões sobre a leitura impressa, digital e o impacto da internet.

O questionário foi montado na ferramenta online “Google Drive Formulários” e compartilhado digitalmente pela internet através das redes sociais para alunos de diversas universidades como UFSC com 20 participantes, Univalle com 15 participantes, e outras como UniSociesc, Univalle, Ielusc, UFTPR, UDESC, FURB, PUCPR e IFSC com 15 participantes.

Os compartilhamentos feitos pelas redes sociais continham um convite para quem estava se formando no ensino superior e gostaria de responder a pesquisa, e todas as respostas foram obtidas digitalmente pelo formulário online. Junto ao formulário também havia algumas observações que detalhavam a pesquisa para melhor compreensão dos entrevistados. As observações eram:

OBS1: Este questionário pertence ao meu "TCC - Trabalho de Conclusão de Curso" em Ciências Sociais. Escolhi trabalhar um fenômeno social que vivenciamos diretamente nos dias de hoje que é a digitalização, porém, resolvi focar e estudar a digitalização dos livros. Mais especificamente a relação dos livros com os acadêmicos. Como no meio universitário temos demasiadas relações com livros e leituras, achei um bom foco para a pesquisa sobre o impacto impresso e digital. Então esse questionário de 10 perguntas rodará em alguns cursos de algumas universidades que ajudará nas interpretações do trabalho.

OBS 2: Esse estudo é direcionado aos acadêmicos que já tiveram experiências suficientes com livros e leituras. Formandos ou pós-

formados (ou pessoal que já está na universidade o suficiente). Escrevam suas respostas do modo que desejarem. Podem problematizar bastante ou ser simples e direto.

OBS 3: Interpretem leituras/livros incluindo também aquelas leituras que são alguns capítulos/trechos de um livro por exemplo, ou quando você leu o suficiente naquele livro e partiu pra outro (foi conseguido o objetivo da leitura ou do livro). Isso pode ser considerado uma leitura, e não deixa de ser um livro. Na universidade nos dias de hoje a leitura/livro ficou mais rápida e fragmentada. Somos colocados frente a um número gigantes de opções de leituras, livros, artigos, trechos, em um curto período de tempo, então leituras de trechos/capítulos são consideradas.

Ao total foram 50 respondentes de um questionário de 10 perguntas. A maioria das questões foi de formato aberto, então os entrevistados apresentaram suas respostas de forma extensa em cada questão, o que resultou em diversas ideias e opiniões, algumas bastante longas e outras mais diretas, algumas iguais entre si e outras não, que serão apresentadas neste capítulo. No geral, algumas questões foram quantificadas por se tratar de uma pergunta direcionada a uma opção ou outra de formatos, porém no geral o trabalho analisa as diversas ideias apresentadas nas respostas, destacando os pontos em comum e os pontos de caráter único. Em cada questão é apresentado também um infográfico resumindo os dados obtidos nas questões. O formulário foi formado pelas perguntas:

- I) Você gosta de livros? Com que frequência lê? Por dia? Semana? Ano?
- II) Costuma comprar livros? Pela loja ou pela internet? Impresso ou digital?
- III) Em média, sua leitura geral está sendo mais digital ou impressa? Qual você gosta mais? E sua leitura acadêmica? É mais digital ou impressa?
- IV) Quais os últimos livros ou artigos acadêmicos que você leu? Foram mais impressas ou digitais?
- V) Como geralmente escolhe livros? E quando precisa procurar livros "adicionais"?
- VI) Onde costuma ler livros? E como você geralmente lê?
- VII) Quais as possíveis vantagens do livro impresso para você (no trabalho, no dia a dia) ? E desvantagens? Isso afeta na sua leitura?

VIII) Quais as possíveis vantagens do livro digital para você (no trabalho, no dia a dia) ? E desvantagens? Isso afeta na sua leitura?

IX) Como você acha que a internet afetou suas escolhas sobre leituras?

X) Na academia seus contatos com os livros estão mais ligados a biblioteca, pasta de xerox, pdfs, ou livrarias? Comente se possível.

Os dados gerais dos entrevistados que representam a pesquisa são: 50 entrevistados, 90% de 20 a 30 anos, e 10% com 30 ou mais. As cidades com maior número de entrevistados são Florianópolis e Joinville, seguidas por outras como Blumenau e Jaraguá. O número de entrevistados do sexo masculino e feminino foi igual. Por fim, a escolaridade dos pais dos entrevistados é ensino superior na maioria, seguida por ensino médio e poucos com apenas ensino fundamental. Veja o infográfico dos dados gerais abaixo:



Questão I – Frequência de leitura

Nesta questão, todos no questionário responderam que gostam de livros, mas alguns dizem ler mais, outros menos, mesmo junto a demanda dos cursos na universidade.

Foi dito que os livros demonstram um símbolo de prazer, conhecimento, informação, lazer, busca de intimidade, onde está interligado ao aprendizado pessoal, busca de melhorias, conhecimento para trabalho e faculdade, busca de informação.

A leitura de literatura foi mencionada em alguns casos como menos frequente durante os períodos de aula no semestre acadêmico, devido ao alto número de leituras que são indicadas nos cursos.

No geral, em relação à frequência de leituras acadêmicas, as respostas mostraram que:

- Se lê bastante na faculdade.
- Nos cursos são feitas muitas leituras de diversos livros, às vezes se lê o livro inteiro, às vezes somente alguns capítulos ou trechos.
- Se lê diversos autores diferentes.
- A leitura mais de lazer é focada em certos autores de gosto pessoal, na academia os autores muitas vezes são direcionados pelos professores;
- As leituras acadêmicas não são muito feitas no livro físico diretamente, ou seja, devido ao fato de se ler somente um trecho ou capítulo, geralmente se opta por usar o xerox (cópia impressa) ou ler o texto no formato digitalizado.
- As leituras rotineiras e de pesquisa então cada vez mais sendo feitas em sites da internet.



Questão II - Sobre comprar livros impressos nas lojas ou pela internet, e sobre comprar livros digitais, as respostas apontaram que:

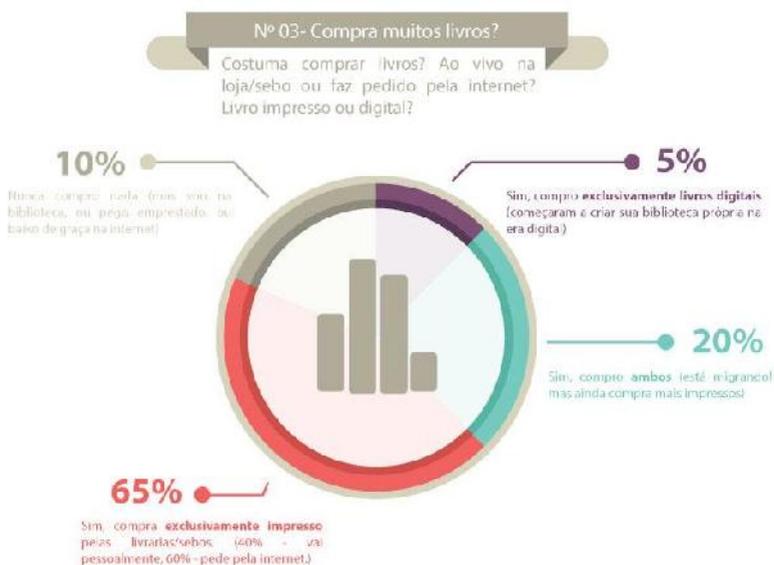
Nesta questão apareceu que há a preferência por comprar livros impressos pela internet. O que mais interfere na escolha é o preço e a comodidade. Sebos online demonstraram ser uma opção frequente. O preço é abaixo da média e a variedade de livros é alta, já que há a opção dos vendedores poderem cadastrar seus livros na internet aumentando o alcance e as opções de venda.

A falta de lugar para colocar livros impressos e cópias impressas (também de como levar livros quando se mudar de residência) também ficou aparente nas respostas a essa questão. No caso de estudantes universitários, a tendência para mudança de casa/cidade é significativa, faz com que interfira na compra de livros e cópias impressas, apesar de ser o meio mais popular.

Comprar livro digital aparece muito raramente aqui, como escolha e vontade de compra do entrevistado. Se comprou, foi por curiosidade, algo secundário que não teria como objetivo o foco e a leitura pura. O usuário dedicado a comprar livro digital, por exemplo, com uma biblioteca mínima formada, foi pouco encontrado. Dos 50 entrevistados apenas 5 se mostraram dedicados a montar sua coleção comprando ou baixando seus próprios livros digitais.

Percebe-se com isso que apesar do crescimento da leitura digital, ainda não se vê a busca por livros nesse formato a fim de montar algo pessoal como uma biblioteca ou coleção. No capítulo 2 vimos que por não existir muitos incentivos econômicos e culturais para leituras eletrônicas no Brasil, e sim casos de preço alto e falta de opção, fazem com que a venda dos livros digitais se torne algo inviável (ou injusto), muitas vezes trocados por arquivos piratas (cópias).

Os pdfs/livros digitalizados acabam sendo a opção para quem não compra o livro impresso e também não têm o costume de comprar livro digital. O formato pdf/livro digitalizado apareceu como um dos formatos mais populares de leitura de texto. Geralmente o arquivo do texto é disponibilizado pelo dono ou não, sendo o original ou cópia (pirata).



Questão III - Sua leitura acadêmica é mais digital ou impressa?

Nesta questão ficou dividida entre a leitura impressa e digital (25/25), mostrando com mais nitidez a coexistência dos formatos que tomamos como hipótese inicial, onde não necessariamente um formato exclui o uso do outro, mas atuam em conjunto.

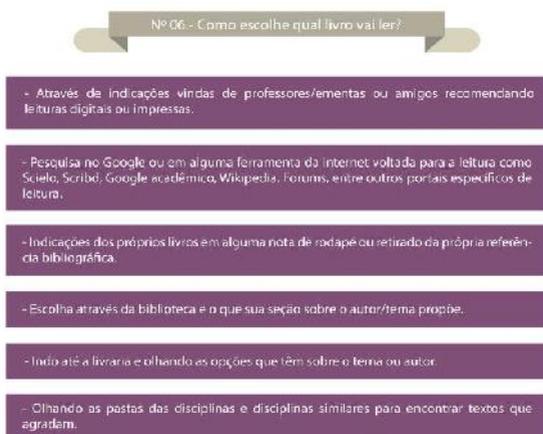
Resumidamente o impresso aparece como o formato mais popular e “ideal”, onde se comentam a questão de poder levar para qualquer lugar, anotar, emprestar, e ter uma concentração maior na leitura. Dessas opções aparecem os Xerox como bastante utilizado, e os livros tradicionais. Diversos comentários apontam para o gosto/desejo de utilizar o impresso, porém em meio à influência digital, cada vez mais vem aumentando o número de utilizadores digitais e impactando assim os modos de se fazer leitura assim como setores de Xerox, livrarias e bibliotecas.

Nas respostas em que foi comentada a leitura digital, foi visto que há um estranhamento com o modo de se fazer leitura digital, que por mais que esteja se popularizando as leituras cotidianas de email e redes sociais feitas na internet, a leitura de livros em si nesse formato não apareceu como algo muito procurado e satisfatório. Porém como foi mostrado, uma minoria se mostra otimista a ponto de criar suas próprias bibliotecas, já a maioria mostrou utilizar mais o formato digital devido ao baixo/nulo preço e o acesso rápido à arquivos. Essa ideia demonstra que a leitura digital chega rápido ao seu usuário final trazendo facilidades, porém o modo de se fazer a leitura muitas vezes afeta a atividade, fazendo com que o leitor imprima seu texto por exemplo, e as limitações de opções também fazem com que se procure o impresso.

Outro ponto comentado sobre a leitura digital é a dificuldade de se concentrar junto à internet, pois muitas vezes se faz a leitura digital em dispositivos com acesso à internet, que afetam a atenção do leitor devido às interações online, e também que a leitura digital cansa mais que em livro impresso, principalmente leituras grandes e contínuas. Dispositivos apropriados para a leitura, como tablets e e-readers, são mais caros, mas têm desempenho melhor na leitura digital do que a feita no computador ou notebook por exemplo, como comentaram alguns entrevistados.

Os livros digitais aparecem como o formato que cresce demasiadamente pelo fácil compartilhamento entre alunos e professores, e pelo crescimento de conteúdo digital na rede, como artigos, periódicos, blogs, e bibliotecas digitais. E os livros impressos são muitos utilizados, mas não criam ritmos elevados de crescimento de uso.

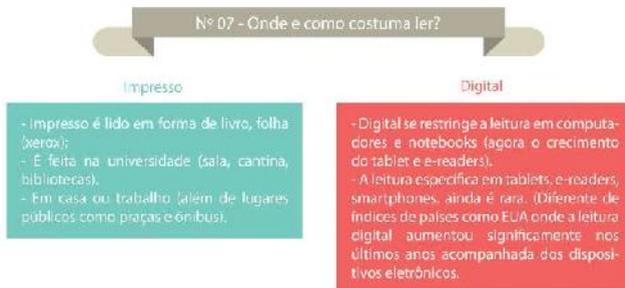
- Pesquisa na internet como Google ou em alguma ferramenta da internet voltada para a leitura como Scielo, Scribd, Google acadêmico, Wikipedia, fóruns de discussão, etc.
- Indicações dos próprios livros em alguma nota de rodapé ou retirado da própria referência bibliográfica.
- Escolha através da biblioteca e o que sua seção sobre o autor/tema propõe.
- Indo até a livraria e olhando as opções sobre o tema ou autor.
- Olhando as pastas das disciplinas e disciplinas similares para encontrar textos complementares.
- Escolha através dos autores e correntes teóricas/temas definidos.



Questão VI - Onde costuma ler?

Nesta questão houve respostas mais simples e diretas, que demonstram que o impresso é lido no livro, ou xerox, sendo feita em casa, trabalho/faculdade, biblioteca e ônibus.

Digital é lido mais em computadores e notebooks que são dispositivos mais pesados, que requerem devidos cuidados, então não são tão utilizados publicamente, e a leitura fica mais privada a casa, do que em tablets e e-readers, que são mais portáteis e semelhantes ao livro impresso, mas não tão populares.



Questão VII - Quais as possíveis vantagens/desvantagens do formato impresso para você?

Nesta questão foram citadas diversas características do formato impresso, apresentadas aqui em forma de tópicos.

Sobre as vantagens do formato impresso:

- No impresso há mais concentração. Menos dispersão. Capacidade de tocar/folhear/anotar/rabiscar nele.
- Visualizar a arte da capa, as questões artísticas por trás do livro.
- Poder usar como decoração em uma biblioteca, estante.
- Não cansa tanto a vista quanto no digital.
- Não precisa de bateria ou eletricidade e pode levar para qualquer lugar.
- Poder emprestar e pegar emprestado.
- Fetiche de ter um livro, objeto histórico e valioso.
- Escape da vida digitalizada que vem sendo cada vez mais requisitada.
- Escrita no papel diferente da escrita digital.

Sobre as desvantagens do formato impresso:

- Às vezes, muitos impressos, principalmente xerox, acabam virando lixo ou algo inutilizável por um tempo. Isso faz com que a organização de textos em forma digital seja uma saída mais eficiente.
- Questão ecológica da impressão do papel.
- Desgaste com o tempo.
- Livros muito pesados e grandes são ruins de ler e de levar para os lugares.
- Geralmente livros novos são mais caros que livros digitais novos (caso haja as duas opções)

- Quantidade de livros ficar esgotada ou não disponível.



Questão VIII - Quais as possíveis vantagens/desvantagens do formato digital para você?

Nesta questão, semelhante a anterior, foram citadas diversas características do formato digital, apresentadas aqui em forma de tópicos:

Sobre as vantagens do formato digital:

- Armazenar diversos livros em um único dispositivo sem ocupar espaço.
- Acesso rápido a esses livros pelo computador/dispositivo ou internet.
- Acesso fácil a materiais feitos em outros lugares/países.
- Levar consigo uma biblioteca inteira.
- Organização/Transferência de citações ou trechos no digital é mais flexível.
- Livros digitais tendem a ser mais barato.
- Livros digitalizados são encontrados de graça muitas vezes.
- Ler no escuro.
- É mais ecológico que a produção intensa de tinta/papel.
- Compartilhamento/disponibilidade de livros mais fáceis.
- Organização de anotações.

- Organização de livros por autor, título, data, conforme categorize-se.
- Pode-se acessar dicionários, enciclopédias, enquanto lê.
- Dinâmicas digitais em leituras eletrônicas.

Sobre as desvantagens do formato digital:

- Leitura cansa mais.
- Quando a leitura é feita em computadores ou notebooks, geralmente é menos confortável, diferente dos tablets e e-readers que procuram simular o tipo do livro para uma leitura mais fiel à original.
- Falta de concentração quando a leitura é feita no computador.
- Ainda não há diversas opções de livros digitais como impressos.
- Livros digitais novos estão saindo com o preço maior do que o esperado pela lógica do menor custo de produção.
- Tablet ou computador geralmente são caros.
- Medo de sair com dispositivos tecnológicos para fazer leituras em lugares públicos.



Questão IX - Como você acha que a internet afetou suas escolhas sobre leituras?

Nesta questão foram apresentadas diversas características sobre a internet e sua influência nas escolhas de leituras, mostrando o impacto desta ferramenta no mundo acadêmico.

Sobre a internet afetar bem as escolhas das leituras as respostas apresentaram que:

- Há diversas informações sobre os livros, porém existe a dificuldade de escolha do que é confiável ou não. A opção é vasculhar comentários em fóruns ou redes sociais onde você já tenha conhecido ou tenha visto alguma recomendação de credibilidade.

- Existem diversas opções de livros para ler com fácil acesso. Acesso ao livro impresso geralmente é em algum lugar, ou caro/difícil.

- Os previews ou páginas de amostra do livro digital procuram disponibilizar trechos dos livros para ver se vale a pena comprar mesmo.

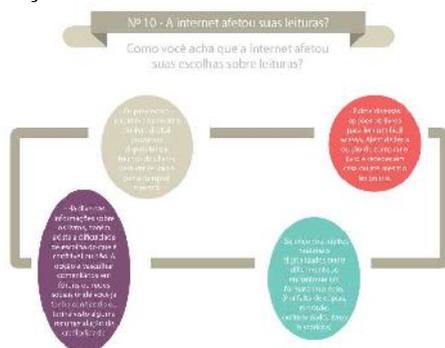
- Se encontra muitos materiais digitalizados onde dificilmente se encontraria em formato impresso. (Falta de cópias, raridade, exclusividade, livros históricos)

- Traz informações sobre autores, títulos, correntes teóricas.

- Capacidade de encontrar títulos de livros em outras línguas.

Sobre a internet afetar mal as escolhas das leituras:

- De tanta coisa que tem na internet, se torna confuso e com credibilidade sob incógnita em algumas ocasiões. Diferente de ir a uma biblioteca ou livraria onde estará passado por uma observação e organização.



Questão X – Na academia, no geral, seus contatos com os livros estão ligados a qual desses formatos? biblioteca, livraria, Xerox ou pdfs?

Nesta questão as respostas mostram que dos quatro meios apresentados, o uso do Xerox (19/50) aparece como bastante utilizado, apesar de percebermos a redução desse modo, com a frequência maior de textos digitalizados onde imprimir quem deseja.

Os pdfs (18/50) demonstram o aumento do número de livros digitais na internet, e de novos livros publicados digitalmente, aumentando cada vez mais o número de usuários digitais.

As bibliotecas (14/50) são vistas como muito importantes. Se há mais bibliotecas impressas e mais bibliotecas digitais, a leitura em ambos os formatos tende a aumentar. Porém é visto que a condição de algumas bibliotecas no Brasil é precária, sem muitas opções de livros, e boas administrações.

As livrarias (4/50) aparecem como as opções mais caras comparada a biblioteca, xerox ou pdf. Sebos online aparecem nas respostas como opção por um menor custo e opções diversas.



Com o questionário vimos que a coexistência dos formatos é o que vem acontecendo atualmente, já que a utilização dos dois formatos é bastante feita. Há um crescimento no formato digital principalmente com o arquivo pdf, sendo a internet o meio que conecta as pessoas e os arquivos, e há uma redução no formato impresso, como o uso altíssimo uso que o xerox já teve por exemplo.

A internet aparece em diversas respostas como uma ferramenta que traz impactos em gerais, tanto no meio digital, por seu caráter de conexão em rede, podendo distribuir e acessar arquivos e informações em tempo real, tanto no meio impresso, interligando online vendas, cópias ou opiniões de livros impressos.

Essas ideias demonstram que por mais que o formato impresso não esteja mais crescendo em ritmos altíssimos, e que o formato digital

tem uma tendência a se popularizar e se utilizar cada vez mais, não há necessariamente uma condução rígida que mostre que o formato digital irá substituir o formato impresso (ou vice-versa). O que foi visto muitas vezes é a utilização dos dois formatos, sendo em alguns momentos, textos lidos em impresso e outros em digital, com maior ou menor frequência, levando em consideração o tempo para leitura que a aula demanda, ou valor para comprar, copiar ou imprimir o texto, ou o fácil acesso ao arquivo ou material impresso, entre outros fatores que traçam as atuações das pessoas em meio as escolhas dos formatos de leitura dos textos colocados na graduação.

Considerações finais

A partir da pesquisa bibliográfica explorando os conceitos dos livros impressos e digitais e seus impactos sociais no decorrer da história, somada ao questionário sobre o uso dos formatos de livros nas leituras acadêmicas, vemos que um denominador comum que permeia nosso trabalho é o fenômeno do desenvolvimento tecnológico e seus impactos nas sociedades. Vimos na análise das ideias de Chartier e Mollier, percebendo as explosões sociais em meio ao desenvolvimento tecnológico e à popularização do formato impresso na Europa Moderna, com o surgimento das leituras de rua, o crescimento das bibliotecas, a circulação do panfleto, as criações de livrarias populares, a participação política nos jornais, que impactavam o dia-a-dia do urbano e o do rural da época moderna. Vimos nas ideias de Manuel Castells e Pierre Levy, percebendo os diversos impactos das novas tecnologias eletrônicas atualmente, com o crescimento mundial do acesso à internet, o compartilhamento instantâneo de informação, a rapidez da comunicação digital, o surgimento de novos meios de se produzir e circular produtos, assim como novas técnicas de livros e leituras nos meios digitais, trazendo hábitos e ambientes novos que, por um lado, demonstram um caráter novo que gera o estranhamento, mas, de outro lado, demonstram um caráter abrangente, que transformam em larga escala e velocidade rápida diversos setores das sociedades. Sendo assim, o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas técnicas, assim como os impactos sociais, demonstram serem conceitos de grande importância para a compreensão de nosso estudo.

A tese de Lino Trevisan, “Interpretações Sociológicas de Técnica e Tecnologia a partir de dicionários de sociologia”, investiga diversos significados dos conceitos de técnica e tecnologia, em dicionários e enciclopédias de Sociologia e Ciências Sociais, e traz pontos importantes para pensarmos os impactos das tecnologias e técnicas nas sociedades. A respeito do conceito de técnica, resumidamente Trevisan aponta que no termo os sentidos mais comuns encontrados são: ciência ou arte; conjunto de meios e habilidades que os seres humanos utilizam para transformar a natureza e satisfazer necessidades e desejos; conhecimento, maneira de pensar, mentalidade técnica, racionalização; atividade humana, elemento da cultura. No termo tecnologia, apresenta as seguintes acepções: arte, ciência e indústria; fator de produção, sentido econômico; trabalho e mediação das atividades humanas; objeto de estudo da Antropologia Cultural; estudo sistemático da técnica;

ciência aplicada; cultura; objetos e artefatos; fonte de poder; sinônimo de técnica. Além disso, o autor destaca temas recorrentes que surgem em meio a esses conceitos: cultura; produção; visão otimista x visão pessimista; determinismo tecnológico e neutralidade; trabalho; poder; mentalidade técnica. Trevisan afirma que a diversidade de acepções de técnica e tecnologia evidencia que a questão tecnológica está articulada com dimensões importantes das relações socioculturais. Sendo assim, analisemos algumas dessas concepções a ponto de relacionarmos com nosso trabalho.

Técnica: A primeira acepção do conceito técnica está relacionada à ciência e arte de fazer operações materiais que seus métodos exigem; conjunto de processos de uma ciência, arte ou ofício; conjunto de procedimentos e recursos de uma ciência ou arte; adjetivo que se aplica às palavras próprias das artes e ciências. A segunda acepção, “conjunto de meios e habilidades que os seres humanos utilizam para transformar a natureza e satisfazer necessidades e desejos”, é a mais frequente nos significados de técnica e está presente em diversas definições como, por exemplo, em Max Weber, pois para ele a técnica se refere aos meios utilizados em uma ação enquanto a técnica racional pressupõe a aplicação de meios planejados conscientemente. Na terceira acepção, “conhecimento, maneira de pensar, mentalidade técnica, racionalização”, o autor cita dois grupos de autores, sendo num a noção de técnica como saber prático que permite utilizar a natureza, como conjunto de procedimentos e instrumentos, normas e modos de proceder e noutro como maneira de pensar, mentalidade técnica e racionalização. Na quarta e última acepção, “atividade humana, elemento da cultura”, vimos que técnica pode ser vista como parte de todo um sistema social e cultural. Segundo Mannheim, a técnica social moderna, além de ser importante para a sociedade industrial, é relevante para a preservação psicológica, econômica e social desse tipo de sociedade. É uma visão mais atrelada ao desenvolvimento humano, que por outro lado está atrelado ao desenvolvimento de ferramentas e tecnologias.

Relacionando as acepções de técnica ao nosso trabalho, podemos fazer uma ponte entre a quarta acepção, “atividade humana, elemento da cultura”, e as notícias sobre os formatos de livros e leituras no Brasil e no EUA, analisadas no capítulo 1, pois nos mostram “elementos da cultura” no viés das diferenças dos usos entre uma sociedade e outra. Em outros trechos do trabalho, como no caso do trabalho de Castells na Finlândia, ou as diferentes leituras na França apresentada por Chartier, também vimos que as atuações junto às tecnologias e técnicas se dão em meio às relações socioculturais diferentes em cada lugar.

Sobre o conceito de tecnologia, Trevisan aponta que também é um termo polissêmico. Apresenta o conceito relacionando com a ideia de técnica de Robert S. Merrill, que considera tradições culturais como recíprocas entre a relação cultura e técnica, ou seja, acredita que o estudo das condições e consequências das mudanças técnicas se funde com o estudo geral da mudança sociocultural. Trevisan destaca que a tecnologia aparece como sendo as artes práticas, que se alinham com muitos outros conjuntos de tradições e usos que são preminentemente culturais.

Com essa noção de tecnologia, podemos perceber que, através das revoluções industriais e tecnológicas que aconteceram e vêm acontecendo, de fato as sociedades têm suas culturas impactadas conforme esses desenvolvimentos, mas de forma diferente (e desigual) de um lugar para outro. Os impactos/mudanças não podem ser vistos como generalizantes e homogeneizadores, pois as transformações ocorrem (ou não ocorrem) diferentemente em cada região, e em âmbitos globais diferentes de âmbitos locais. Como vimos em nosso estudo, em um âmbito global percebe-se um crescimento exorbitante do formato digital, mas em âmbito local vemos ainda muita ausência do digital, com desigualdade de conexão e de conteúdo, principalmente em países com índice de desenvolvimento menores. A relação sociocultural com as tecnologias pode ser ilustrada, por exemplo, com as altas porcentagens de usos dos formatos digitais em países como EUA e Japão que são polos de inovações tecnológicas, mas não dependem somente de criações, envolvem fatores sociais, culturais, políticos, que acabam por agenciar mudanças de tal modo.

Trevisan aponta que a relação com a tecnologia em uma sociedade é um dos elementos importantes que as distinguem. Junto às instituições sociais como a família, a religião e a política, técnica e tecnologia são fatores relevantes para distinguir os diferentes tipos de sociedade, bem como para entender a organização social e as mudanças sociais.

Analisando o Brasil pelos dados da internet e livros do capítulo 2, percebemos que, apesar de ser um dos países mais digitalizados e conectados na internet no mundo, em questões de número de publicações de novos títulos por ano, ou porcentagem de uso de livros/leituras digitais, demonstram uma diferença enorme com países como EUA e Inglaterra. Essa diferença do Brasil pode ser relacionada com os fenômenos socioculturais do país, como a história política, os investimentos na área de educação (e tecnologia), incentivos na área econômica, impostos e taxas que incentivem usos de produtos, além de

outros fatores que passam por campos sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos.

Abordando ainda essas definições que mostram que as tendências tecnológicas influenciam no desenvolvimento social, Trevisan aponta a visão de Gallino que diz que as mudanças tecnológicas dependem do contexto econômico e sociocultural no qual elas são produzidas e utilizadas, pois reproduzem dialeticamente contradições sociais inerentes ao contexto, e podem ser avaliadas positiva ou negativamente, dependendo da posição do indivíduo no contexto e de como ele se relaciona com tais tecnologias. Trevisan mostra que a tecnologia não é independente da sociedade, pois pode influir sobre o ritmo de desenvolvimento tecnológico. Ressalta que há vários exemplos de efeitos diferentes de uma mesma tecnologia, e que a tecnologia não é neutra, pois é resultado de várias forças sociais e políticas. Visão essa que Trevisan mostra ser a posição de autores como Latour e Mackenzie. Além dessa visão, Trevisan aponta autores que sustentam a ideia de que não há determinismo tecnológico propriamente dito, tanto micro quanto macro, pois ele depende tanto de fatores micro e macro, sejam de ordem intelectual, cultural ou socioeconômica.

Trevisan afirma ainda as técnicas produtivas e a organização da produção são produtos sociais, decorrentes de decisões humanas influenciadas por questões sociais, culturais, políticas, entre outras, portanto a tecnologia e a técnica devem ser analisadas como resultado de processos e não neutra. O autor destaca essa visão sobre impactos sociais das tecnologias em outro ponto de vista como o de Marx, que evidencia as consequências negativas da maquinaria sobre a condição dos trabalhadores, por conta do sistema capitalista, sinônimo de exploração do homem pelo homem, ou como a visão de autores que dizem que desenvolvimentos tecnológicos (por exemplo, a energia nuclear) podem ser vistos como boas para a humanidade, mas como algo ruim também, devido ao seu poder destrutivo. Heidegger foi um dos mais severos críticos da mudança tecnológica, por considerar que ela enquadra os seres humanos em um sistema de manipulação. Mandelson defende que a adoção da noção de neutralidade faz com que as forças sociais e políticas dominantes na sociedade exerçam o controle da ciência e da técnica. Há também a ideia de autores que dizem que as mudanças no trabalho associadas ao progresso da tecnologia acabam desenvolvendo desempregos tecnológicos ou permanentes, e outros dizem que a técnica permite maior amplitude e maior grau de especialização da divisão do trabalho, gerando alterações no processo de produção criando assim novas profissões.

Em meio aos conceitos apresentados e analisados aqui, podemos concluir que diversas mudanças ocorreram e ocorrem tanto no meio impresso e digital quanto nas sociedades no geral, mas que essas mudanças não são iguais e também não são pré-determinadas: são reflexos das relações socioculturais, políticas, econômicas, micro e macro, desenvolvidas de diferentes formas em cada local.

Vimos no trabalho, com a história do livro impresso e o desenvolvimento da máquina e das revoluções industriais, que o formato impresso movimentou o cenário europeu na época Moderna, levando folhetos, jornais, livros e leitura à vida urbana e rural, transformando as práticas sociais. Autores como Roger Chartier e Jean-Ives Mollier mostraram que o livro e a leitura tiveram papéis importantes no desenvolvimento da vida urbana. Chartier apresentou as culturas das leituras em meio ao surgimento do livro impresso na Europa, e como as livrarias e bibliotecas foram surgindo junto ao desenvolvimento do homem moderno. Mollier destacou que o desenvolvimento das novas máquinas de impressão, em meio às novas revoluções industriais, fez com que a vida urbana fosse impactada pelas tecnologias, apontando a importância do impresso na alfabetização e circulação do conhecimento no cotidiano das pessoas. Atualmente vimos que o formato impresso passa por um impacto, devido às novas complementações do formato digital. A partir da década de 1990 e da explosão no século XXI, as tecnologias eletrônicas e digitais começaram a se popularizar e novamente diversas mudanças nos meios de produção, comercial, uso, circulação, social, cultural, etc.

Vimos a história do formato digital e suas repercussões nas sociedades atuais, analisando as teorias de Manuel Castells em “Sociedade em Rede” e Pierre Levy em “Cibercultura”, além de outros autores, que mostram que o impacto social é inevitável devido às tecnologias atuais. Por um lado, surgem novas técnicas, otimizações de tarefas, crescimento dos meios de comunicação, desenvolvimento científico, etc, mas de outro modo fica claro que o desenvolvimento tecnológico é muito maior que o desenvolvimento humano e social, pois muitas das desigualdades sociais, culturais e econômicas permanecem as mesmas. O digital e a internet, como vimos em nosso estudo, trouxeram mudanças de produção, circulação, venda, transporte, uso, análise, junto aos usos dos livros e das leituras, mas de fato o impresso é o que atua onde o digital não chega, além de se ter a tradição de séculos, sendo o formato mais ideal no ponto de vista dos nossos entrevistados.

Na análise de notícias do Brasil e do EUA, e no questionário feito junto a alunos do ensino superior, percebemos que o uso do formato

digital cresce devido a suas facilidades, porém o formato impresso se reinventa e acompanha as tendências, confirmando nossa ideia de coexistência dos formatos. Por fim, no texto de Lino Trevisan, constatamos que as novas tecnologias e novas técnicas, e seus impactos nas sociedades, devem ser analisados como não homogêneo e generalizante, mas sim analisando as diferenças de local para local.

Com isso vemos a importância dos estudos das técnicas e tecnologias nas Ciências Sociais, pois desse modo conseguimos perceber detalhes da sociedade, que não operam de modo neutro, ou positivo ou negativo, como em um determinismo ou evolução, mas estão sempre atuando junto ao conjunto de agências e agentes envolvidos no contexto econômico, político, histórico e sociocultural.

Referências

ANDERSON, Chris. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade Em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. 1999. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

COURA, Leonardo. **Pirataria e novos modelos de negócio no mercado musical**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://tagcultural.com.br/wp-content/uploads/2011/01/a0001.pdf>

DENIPOTI, C. **Apontamentos sobre a história da leitura**. Publicado em História e Ensino, v. 2, p. 81-91, 1996.

DIAS, Guilherme; VIEIRA, Américo; SILVA, Alba. **Em busca de uma definição para o livro eletrônico: o conteúdo informacional e o suporte físico como elementos indissociáveis**. 2013 . Em Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8, Florianópolis, Outubro-Novembro/2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**; tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

KRAMNICK, Isaac. "Introduction," in Thomas Paine, *Common Sense* (New York: Penguin, 1986), 8

LEMOS, Ronaldo. **Direitos autorais e o consumidor na era digital.** *Ciência Hoje*. Vol. 44. Nº 259. Maio/2009

LÉVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.* São Paulo: Ed.34, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* São Paulo: Editora 34, 2009.

LEVY, Pierre. **A esfera pública do século XXI**, 2011. Disponível em: http://techyredes.files.wordpress.com/2011/08/techyredes_artigo-pierre-levy1.pdf

MOCELIN, Daniel G. **INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS, ESTADO E BEM-ESTAR SOCIAL.** In: SBS Resenhas – n4, Ano3, Junho 2008.

MOCELIN, Daniel G. **A ética hacker do trabalho: rompendo com a jaula de ferro?** In: Sociologias, Porto Alegre, ano 10, n19, jan/jun 2008, p322-345

MOLLIER, J.Y. **A leitura e seu publico no mundo contemporâneo. Ensaio sobre História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOLLIER, J.Y. **A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX.** *Varia hist.* vol.25 no.42 Belo Horizonte. 2009.

TREVISAN, Lino. **Interpretações sociológicas de técnica e tecnologia a partir de dicionários de sociologia.** 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Unicamp. Campinas, Sp.

SIMÕES, I. de A. Garcia. **A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação.** UFPB. Maio/2009.

WERTHEIN, J. **A Sociedade da Informação e seus desafios.** Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.